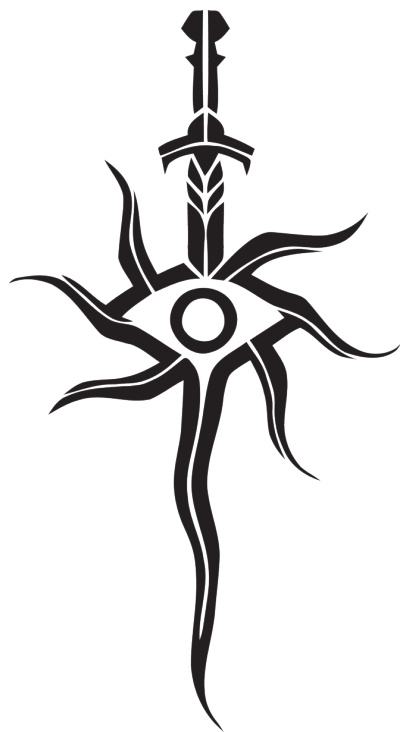




DRAGON AGE™
INQUISITION
CONTOS



Disclaimer: Esse material foi editado e traduzido por Gabriel Rossi (@Capetabixatongo) nesta coletânea. Portanto, se trata de um material trabalhado por fãs e todos os direitos pertencem a Bioware.

Para mais conteúdo de Dragon Age, visite os canais no YouTube:

- <https://www.youtube.com/c/Guardi%C3%A3oCinzento>
- <https://www.youtube.com/c/OMegasc%C3%B3pio>
- <https://www.youtube.com/@flaviagasi/featured>



PAPEL E AÇO

Por Joanna Berry

Sua lâmina atingiu o escudo do chevaliers no ângulo errado e quebrou. Xingando, Samson se abaixou quando a espada do inimigo assobiou sobre sua cabeça, então virou o ombro e atacou o chevaliers com toda a força.

O golpe surpreendeu o inimigo de Samson, mas aquela armadura Orlesianas – brilhante como um sorriso falso, gravada com rosas de aço ornamentadas – sofreu a maior parte do impacto. O chevaliers manteve o equilíbrio, deixando Samson gastar suas forças. Preso cara a cara com seu inimigo, Samson se viu diante de feições aristocráticas e bem alimentadas. O bigode estava encerado e a pele empoadada, para que o suor e o fedor da batalha não ofendessem aquele nariz sensível.

O chevaliers, mais jovem e mais forte, começou a empurrá-lo para trás. Quando sua bota deslizou na lama, Samson ergueu o cabo quebrado de sua espada larga e bateu-a na lateral do homem, onde as costuras daquele peitoral sofisticado chegavam. O chevaliers sufocou-se e deixou cair a espada para agarrar o braço de Samson como se estivesse se afogando. Samson arrancou o cabo e enterrou-o na garganta do cavaleiro. O sangue derramou, tornando as rosas de aço da armadura vermelhas.

Quando o chevaliers desabou, Samson já estava se virando com o punho ensanguentado na mão, vasculhando o campo de batalha com seu olhar de general. Essas terras abertas perto de Montfort não ofereciam muita cobertura – a linha das árvores estava próxima, mas eles não conseguiram chegar a tempo. Meus templários. Eles estão bem?

De repente, surgiu uma lembrança do cansaço e da confusão da batalha; e ele lembrou de um pássaro de papel dobrado, com as asas abertas, jogado em uma poça de lama e pisoteado.

Samson piscou para clarear a cabeça.

Seus templários estavam lá, inteiros. Susanne estava atacando o escudeiro do chevaliers com sua espada curta, com a mesma expressão que usava enquanto enfiava a linha na agulha; ali perto, o jovem Wystan, um rapaz de cabelos cor de areia, segurou habilmente um chevaliers de barba grisalha. Antes que Samson pudesse intervir para ajudar, a espada de Wystan desceu e arrancou a mão do chevaliers vestida com uma manopla de aço – no pulso antes de derrubá-lo.

Em outro lugar, os gritos de alguém terminaram em um murmúrio e o silêncio caiu. Havia acabado.

Recuperando o fôlego, Samson tirou o capacete. Ele não estava preparado e em-



poado; o suor grudava em seu cabelo castanho escuro, e seu rosto estava áspero com a barba por fazer. Sua velha armadura, que ele usava como um gato usa sua própria pele, estava marcada e cortada, sem nenhuma rosa à vista. Mas ele e seus templários estavam vivos, enquanto os polidos chevaliers orlesianos — líderes de uma patrulha que ficou desconfiada na estrada — jaziam mortos a seus pés.

Samson olhou para o punho quebrado de sua espada em sua mão e suspirou. “Que a podridão o leve, era um bom aço de Kirkwall”, ele murmurou.

Ainda assim, talvez Maddox pudesse fazer algo com ele.

Pegando a lâmina quebrada da espada – e passando por cima da espalhafatosa espada orlesiana na grama – Samson assobiou o sinal. Seus soldados se reuniram imediatamente com perfeita disciplina, como os templários da Chantria que haviam sido. Mas agora a obediência deles não estava acorrentada a maldita Chantria e ao lyrium forçado em suas gargantas. Jovens recrutas e veteranos, homens e mulheres, estavam unidos por um propósito maior – uma causa melhor do que a de alguns Criadores ausentes.

Outra coisa os unia também, e dava para ver melhor quando estavam todos reunidos assim depois de uma briga. Cada um deles tinha um tom estranhamente avermelhado nos olhos, revelando a fonte de sua força.

“Malditos chevaliers”, disse Samson, subindo pelas fileiras para verificar os feridos. “Não consigo mantê-los vivos o suficiente para lhes ensinar uma lição.” Enquanto seus templários sorriam, ele se aproximou do jovem Wystan, que estava apoiado em sua espada e respirando pesadamente. Não havia sinal de sangue. “Ele te acertou nas costelas, Wystan?”

“Não, eu só estou...” Wystan se endireitou. “Eu vou ficar bem, sir. Só um pouco sem fôlego. Eu posso marchar.”

Samson olhou para ele.

É o que todos dizem quando começa, uma voz traiçoeira sussurrou em sua cabeça. Eles não querem te decepcionar.

“Tudo bem, tente acompanhar”, Samson disse a ele. “Pegue a bagagem e vamos voltar.” Ele estava com sede de repente, e por algo além de água.



O acampamento ficava num bosque remoto nas colinas muito acima de Montfort, onde o vento leste carregava o cheiro salgado e turfoso dos Pântanos Nahashin.



Em breve precisariam marchar para o Reduto Therinfal, mas por enquanto o lugar estava tranquilo e seguro.

Samson falou com os guardas e liderou seu esquadrão para dentro, tirou o mais sujo do suor e então começou suas rondas. O acampamento foi montado em uma grande clareira com troncos frescos aqui e ali. Tendas cercavam as fogueiras centrais onde coelhos e uma lombo de porco pingavam gordura crocante nas chamas. Cada soldado que Samson passava o saudava respeitosamente: alguns carregando armaduras ou suprimentos, outros trabalhando em uma pedra de amolar ou cozinhando ou treinando.

Em uma pequena elevação acima do acampamento, golpes de martelo ecoavam de uma única tenda, pacientes como gotas de água moldando pedra. Maddox era incansável.

Parecia como qualquer outro acampamento militar. Mas Samson passou por uma mulher esguia que carregava várias centenas de pesos de cota de malha nos ombros sem suar a camisa. E quando o homem que estava junto à pedra de amolar cortou o polegar com uma adaga recém-afiada, ele não vacilou.

Eles são destemidos, pensou Samson com orgulho feroz enquanto acenava para cada um, vendo aquele brilho avermelhado em seus olhos. A Chantria nunca soube o que tinha.

Ele passou por uma tenda guardada por dois de seus melhores e mais confiáveis soldados, armados até os dentes, olhos fixos para a frente. De dentro, Samson avistou um leve brilho vermelho; havia som de líquido sendo despejado em xícaras, enquanto uma voz reconfortante falava.

O vermelho era a fonte do poder de seus templários. Aqueles chevaliers viram esse poder e os chamaram de monstros, agiram como se nem mesmo fossem pessoas. A mesma tolice ignorante, dias diferentes. Samson tinha ouvido a mesma coisa sobre templários queimados. Ou pessoas como Maddox. Ou magos. Tudo porque a Chantria continuava martelando o medo nas cabeças das pessoas.

Mas todos os erros da Chantria estão voltando para casa e para ficar.

Quando ele terminou suas rondas, Samson avistou uma figura familiar encolhida perto de uma das fogueiras de cozinha. Wystan estava sentado em um tronco, enrolado em um cobertor e tremendo apesar do calor constante. Samson franziu a testa e pegou o braço de uma sentinela que passava, então apontou para Wystan. “Aquele rapaz ali? Veja se ele jantou. Se ele não quiser comer, faça-o.”



“Imediatamente, general.”

Deliberadamente, Samson obrigou-se a se afastar da luz brilhante do fogo e do calor do acampamento e afastou-se para a escuridão pesada sob as árvores. Havia um caminho tênue ali, que ele poderia seguir sem luz agora. Um pássaro cantou uma vez, duas vezes.

Por fim, Samson ouviu uma respiração espessa e estrangulada e voltou-se para ela sem medo. Ele fez uma pausa ao se aproximar de formas enormes que se elevavam sobre ele, cada uma vermelha como cinábrio, com olhos com um brilhavam claramente à luz das estrelas. Samson falou com eles com calma, mas com firmeza, e foi atendido.

Um general cuida de suas tropas, disse Samson a si mesmo, mesmo que alguns durmam em um acampamento diferente.

Mesmo que ele tenha que se preparar previamente para olhar em seus rostos.

Quando voltou ao acampamento, Samson foi direto para sua tenda pessoal. Lá dentro estava escuro e mofado. Seu beliche mal estava ocupado. Papéis — mapas, relatórios, requisições — cobriam o topo de uma mesa próxima. Uma garrafa vazia tilintou em sua bota quando ele foi até o baú no canto.

Ele vasculhou suas coisas, parou e chutou o baú maldito em frustração, então começou a vasculhar uma pilha de roupas, olhou embaixo da mesa, então embaixo... “Ali.”

Brilhando fracamente sob seu beliche, de onde havia rolado, havia um pequeno frasco de líquido vermelho cintilante. Só de olhar para ele, a sensação de ressecamento em sua garganta e intestino piorou muito.

Samson deitou-se e esticou o braço sob o beliche, esticando os dedos. Foram necessárias várias tentativas para pegar o frasco antes que ele conseguisse agarrá-lo e beber o conteúdo.

Não era como beber água. O líquido amargo deslizou sobre sua língua como xarope e pareceu correr direto para seus ossos.

Samson sentou-se no chão e se recostou em seu beliche enquanto força e calor brotavam de dentro dele, uma força que agora parecia ter sempre estado lá. Os sons fracos do martelo da tenda de Maddox tornaram-se tons ressoando no ar cristalino. Sua respiração e batimentos cardíacos eram uma complexa harmonia própria.



Uma pequena dose de lírio vermelho sempre acalmava os nervos de Samson. Um frasco inteiro acalmava sua alma de uma vez. Ele conseguia pensar em Wystan, ou nos rostos na floresta, sem pestanejar.

O barulho do acampamento continuou lá fora. Dois guardas conversaram perto da abertura da tenda, o vermelho oleoso de seus olhos levemente luminosos, então seguiram seus caminhos.

Samson sentou-se um pouco mais reto e olhou para o frasco que estava pesando em sua mão. Algumas gotas de lírio precioso, semelhantes a rubis, estavam grudadas no interior. Ele segurou o frasco alto e sacudiu as gotas em sua boca.

Todos os dias em Kirkwall, uma reverenciada mãe dava aos recrutas templários seu lyrium – lyrium azul – em um pequeno cálice com o rosto de Andraste nele. Como os idiotas que eram, os recrutas o bebiam sem questionar, porque amavam o Criador, ou porque queriam servir, ou porque confiavam na Chantria. No início, parecia uma verdadeira bênção. O lyrium tirou o seu medo e deixou o poder em seu lugar.

Mas como qualquer poder, era viciante. Pelo menos o vermelho tinha... compensações. O lírio da Chantria? Você nunca percebeu que estava levando mais do que apenas o medo, lentamente, indolente, até que um dia você acordou e não conseguiu ficar sem aquela coisa.

Samson deixou o frasco vazio rolar de sua mão.

Ele havia sido expulso da Ordem dos Templários pelo mais Santa Cavaleira-Comandante Meredith por um erro depois de ficar viciado no lyrium que eles ordenaram que ele bebesse. E daí se ele quebrou as regras? Ele tinha suas razões. E aquela cidade devastada precisava de toda a ajuda que pudesse obter.

Não importava. Ele tinha sido expulso para as ruas de Kirkwall de qualquer maneira, para sofrer os horrores da abstinência de lyrium sozinho.

Talvez tivesse sido para melhor. Eventualmente, a pregação, o lyrium, as mentiras, tudo fazia de você algo menos humano. A Chantria poderia muito bem ter magos dando vida a armaduras para fazerem seu trabalho sujo.

Magos... armaduras...

“Minha espada”, disse Samson, levantando-se cambaleante. Ele tinha se esquecido da lâmina quebrada até agora. Era algo melhor para se pensar do que o passado.



Samson encontrou a mochila onde havia guardado a lâmina quebrada, colocou-a sobre o ombro e caminhou em direção à tenda solitária acima do acampamento. Os golpes de martelo ainda ecoavam. Estava ficando tarde, mas Maddox raramente dormia.

Por dentro, a tenda estava surpreendentemente fria, apesar do brilho cintilante da forja de lírio no canto. As manchas de fuligem na lona interna formavam padrões assustadores, e havia um cheiro doce de lírio evaporado, bem como fumaça. Samson passou por uma prateleira de ferramentas ornamentadas e misteriosas organizadas por tamanho. Frascos de poções, essências e pós raros. Uma calha de têmpera. Três livros com marcas de queimadura nas capas.

De um lado, recortes de couro estavam dispostos, ao lado de um manequim de madeira coberto com o protótipo de uma armadura: peitoral, manoplas, grevas, tudo feito sob as medidas de Samson. A armadura era feita de aço fino, mas com afloramentos pesados de lírio vermelho, dobrados no metal, mostravam com o que aquele aço havia sido ligado. Cheirava a ferro quente e sangue antigo.

Samson fez uma pausa e pegou o peitoral. Seus sentidos templários treinados podiam sentir o poder adormecido dentro dele. Quando chegasse a hora, ele sabia que vestir a armadura seria como se afogar em vidro derretido, vermelho sobre vermelho — um oceano de dor com uma força invencível do outro lado.

Ele sorriu para a armadura, desafiando-a. Seus templários suportaram suas próprias provas; esta era a de Samson. Ele suportaria como eles, sobreviveria e seria refeito. Nada que valesse a pena viria de graça.

Maddox estava trabalhando na bigorna, martelando firmemente em uma camisa branca manchada de suor e um avental de couro, suas mãos envoltas em pano para proteger contra faíscas. Nos anos em que Samson o conheceu, ele passou de um mago jovem e desajeitado para um artesão experiente. Agora, sob suas mãos, uma nova peça daquela armadura estava tomando forma a partir de fragmentos de aço e cristal se fundindo sem esforço.

Samson largou sua mochila.

“Boa noite.”

Maddox olhou por cima do ombro. Ele tinha um rosto estreito e gentil, com olhos tão calmos quanto os de um cervo. Seu cabelo escuro estava bem curto, fazendo a marca de raios de sol em sua testa se destacar.

“Olá, Samson. Espero que esteja bem.”



Maddox observou enquanto Samson desfazia o pacote, mas continuou trabalhando. Ele poderia forjar com seus olhos fechados, e mesmo que batesse na mão com o martelo, Samson sabia que não daria um pio — exceto para se desculpar por quebrar os dedos, porque eles levariam tempo para curar. Era assim que um Tranquilo era.

“Tenho uma espada que precisa ser reforjada”, disse Samson, retirando os pedaços.

Usando pinças, Maddox colocou a peça de armadura pronta de lado e pegou a larga espada quebrada com as duas mãos. “Vejo dobras aqui e aqui. Isso atingiu um escudo com muita força.”

“Isso.”, disse Samson. “Ainda assim, é uma decente lâmina de Kirkwall. Boa demais para sucata. Veja o que você pode fazer com ela.” Samson olhou ao redor da tenda com suas pequenas maravilhas. “Você vai terminar em um ou dois minutos, certo?”

Maddox olhou para cima. “Oh, não. Terei que cinzelar as pontas quebradas para que elas se encaixem antes de aquecer a forja o suficiente para a solda. Então—”

“Foi só uma brincadeira, Maddox,” disse Samson, gentilmente.

“Oh.” Maddox considerou, então riu obediente e metodicamente, fazendo Samson estremecer.

Felizmente, o Tranquilo logo se abaixou para estudar a espada quebrada novamente enquanto Samson se acomodava em um barril, apreciando o forte cheiro de vapor de lírio que pairava no ar.

O que a Chantria fez com seus templários foi imperdoável, mas o que fez com Maddox foi obscuro. Ele era um mago no Círculo de Kirkwall, a Força — um nome desagradável para uma prisão mais desagradável ainda — enquanto Samson ainda estava em bons termos com a Ordem. Maddox não era grande coisa como mago, mas seus pais eram ferreiros, e Maddox estava sempre fazendo coisas na oficina da Força: pedaços de metal, um punho elegante para uma adaga e, uma vez, uma nova junta para a manopla quebrada de Samson, sorrindo com a chance de consertar uma coisa quebrada.

“Se você precisar de um favor”, Samson disse a ele quando ninguém estava ouvindo, “me avise”.

Um dia, Maddox se aproximou de Samson na Força, vermelho até as orelhas, segurando um maço enrolado de cartas e murmurando: “É para a minha garota,



em Kirkwall. Você as entregaria?”

Depois, Samson ocasionalmente se repreendia por ter pegado as malditas coisas. Às vezes, ele fazia favores para os magos — pequenas tarefas, às vezes com um frasco de lírio para adoçar o negócio. Isso, no entanto, arriscava cruzar os limites.

Mas junto com cada maço de cartas havia um lençol que Maddox havia dobrado no formato de um pássaro. Suas asas estavam abertas como as gaivotas flutuando no vento perto das janelas altas da Força. Sob Meredith, a liberdade era um sonho cruel para os magos do Círculo de Kirkwall. Eles eram frequentemente trancados em suas celas, vigiados dia e noite por templários que eram informados de que qualquer passo fora da linha era algo suspeito. Todos aqueles jovens magos, informados de que a magia era uma maldição, que eles eram perigosos e que tinham que ficar trancados por toda a vida, olhando através daquelas janelas. Alguns enlouqueceram. Outros, loucos ou não, tentaram pular.

Mas diante de tudo isso estava esse passarinho de papel, dobrado por alguém cujos sonhos de liberdade e sonhos com os braços de sua garota não tinham morrido completamente. Uma prova de humanidade, quando o Círculo e a Chantria só queriam que os magos fossem coisas obedientes. Então Samson pegou as cartas de Maddox.

Eventualmente, a notícia chegou à Cavaleira-Comandante Meredith. Ela usou isso como desculpa para expulsar Samson da Ordem, alegando que isso provava que ele havia se tornado “errático” e “gravemente viciado em lírio”. Essas últimas cartas caíram, foram pisoteadas em uma poça, enquanto empurravam Samson para o escritório de Meredith.

Samson encontrou uma nova vida na sarjeta de Kirkwall como um mendigo faminto por lírio. De vez em quando, ele dava uma mão a jovens magos que buscavam uma fuga. Mas Maddox foi acusado de corromper um templário, uma acusação séria. Meredith foi implacável; ela transformou Maddox em um Tranquilo sem emoção com uma marca de lírio. Maddox não sonharia mais com o horizonte, ou consertaria algo pelo prazer de fazê-lo, ou faria seus passarinhos de papel. Eles mantiveram suas habilidades sem precisar ter que tratá-lo como uma pessoa de verdade, o que parecia o ponto final natural de cada maldita coisa que a Chantria fazia.

Quando Meredith finalmente perdeu o controle e Kirkwall se inundou em chamas, Samson rastreou Maddox. Ninguém poderia consertar as coisas para ele, mas tinha que haver mais na vida de um garoto do que isso.



Os templários sobreviventes tentaram restaurar a paz na cidade. Qualquer um que já tivesse usado a Espada da Misericórdia — até mesmo desajustados — era necessário para ajudar a reprimir os magos rebeldes. Samson tentou ajudar, mas o que ele deveria fazer? Simplesmente esquecer? Ele tinha visto os dois lados das coisas agora, da Força à sarjeta. Pressionados pelas regras do Círculo, magos como as crianças que Samson havia ajudado estavam se entregando voluntariamente aos demônios. O Primeiro Encantador Orsino, que Samson lembrava como alguém gentil, tinha se tornado tão ruim quanto um mago poderia ser.

E seus irmãos templários? O capítulo de Kirkwall estava sob os “anjos” (instrumento de tortura) de Meredith há tanto tempo que eles mal sabiam o que era certo e o que era errado. Por toda a reclamação de Meredith sobre a magia de sangue controlar as pessoas, o medo também distorceu as mentes dos templários.

Esse medo só aumentou depois que o jovem Cavaleiro-Capitão, Cullen, deixou a cidade para seguir uma Investigadora da Verdade em algum negócio da Chantria. Sem novas ordens, os templários de Kirkwall afundaram. Não havia alívio em lugar nenhum. A cada dia, mais relatos da rebelião dos magos chegavam e como os templários estavam lutando contra ela. Ao ouvi-los, Samson podia sentir o cheiro do sangue e da fumaça da guerra, como as exigências impossíveis da Chantria sobre magos e templários estavam destruindo o mundo.

Uma noite, com seu estoque de lírio esgotado e Maddox dormindo no abrigo, Samson foi até o Enforcado para se embriagar.

No meio da segunda caneca, ele notou um anão com olhos estranhos parado por perto. O anão resmungou que havia alguém lá em cima perguntando pelo nome de Samson. Curioso, Samson deixou o barulho alegre do bar, subiu as escadas escuras até uma sala quase vazia e encontrou uma figura olhando para as brasas da lareira.

A princípio ele pensou que o estranho estava usando a armadura do Guardião Cinzento. Mas a silhueta pareceu alterar-se quando ele entrou: tornou-se mais alta, disforme, com uma aura de magia poderosa. Samson desembainhou a espada, cheio de instintos templários, mas o estranho apenas ficou ali parado, pacientemente, até que Samson a abaixou. Ele sentiu como se aqueles olhos frios estivessem olhando através dele.

Então o estranho disse: “Este lugar é estranho para mim. Me explique claramente: o que é um templário?”

E Samson percebeu que não tinha mais uma real resposta. Alguém que protegeu magos? Hoje em dia, a Ordem estava passando metade deles na espada, ou pior. A



mente de Maddox foi destruída, e a grande clériga mal deu um tapinha nas mãos de Meredith. Um soldado da Chantria? Os templários suportaram os horrores da magia — abominações, demônios, magos de sangue — em nome da Chantria, e que agradecimento eles receberam? Um tapinha na cabeça e lyrium para os pesadelos.

Um cavaleiro do Criador, então?

Mas que Criador justo e amoroso deixaria seus templários sofrerem assim? As orações quebradas de Samson, durante aquelas longas e agonizantes noites de asbinência, foram recebidas com silêncio.

“A Ordem merece algo melhor”, ele disse em voz alta, sem pensar. “Nós confiamos neles: merecemos algo melhor do que sermos usados até que nossas mentes sejam levadas.” Sua raiva ferveu ao limite. “Eles nos tratam como animais. Seus próprios templários!”

O estranho ergueu um frasco de lírio, brilhando vermelho em vez de azul. Samson olhou de soslaio, lembrando-se do fim de Meredith e do poder que ela teve.

“Se você pudesse arrancar essa nova Chantria pela raiz”, perguntou o estranho, “criar uma nova Ordem, que preço você estaria disposto a pagar?”

“Se isso desse a um templário um fim melhor que o meu”, disse Samson, “eu derramaria meu próprio sangue por isso. Mas eu já cansei há muito tempo. Você está perguntando ao homem errado.”

“Eu acho que não”, respondeu o estranho, estendendo o frasco para Samson pegar. Tão simples quanto entregar a ele um pássaro de papel.

As coisas começaram a mudar depois disso. Samson pagou o preço do homem estranho, pagaria para sempre, mas ele sabia o que estava comprando. Assim como muitos outros templários com ideias semelhantes. Quanto ao resto da Ordem... Samson encarou a sua culpa e aceitou isso também. Se isso significasse um mundo onde os crimes da Chantria nunca mais pudessem acontecer, que assim fosse.

E quando você chegasse ao cerne da questão, Samson estava esgotado. Seu dia havia acabado... ou assim ele pensava. Mas esse estranho — cheio de verdadeira sabedoria e poder, não apenas divagando sobre um Criador invisível — tinha visto além de tudo isso no coração de Samson. Quando ele poderia ter escolhido qualquer recruta perfeito e virtuoso, foi a Samson a quem o estranho ofereceu o comando novamente — de um exército que poderia pôr um fim a tudo isso.

Samson percebeu algumas coisas. Primeiro, os soldados ainda seguiriam para



onde ele os liderasse. Ele nunca pedia a um templário para fazer algo que ele não estivesse disposto a fazer, o que já era um começo. Com um suprimento constante de lírio, seus nervos se acalmaram, sua inteligência se aguçou e ele pôde criar estratégias novamente. Samson se preparou para as mudanças que viu em Meredith e em seus soldados... mas essas mudanças nunca vieram, não para ele. O estranho falou da proteção que sua magia poderia oferecer, mas quando Samson bebeu o vermelho, sentiu o estranho observando-o, curiosamente.

Com o tempo, isso trouxe a segunda percepção. Agora que Samson tinha todo o lírio que queria, ele podia analisar para as dosagens de que realmente precisava com a cabeça limpa. Uma suspeita desagradável cresceu enquanto ele segurava aqueles frascos de rubi contra a luz. E se houvesse mais em seu vício do que ele pensava? E se tivesse começado a ter algum tipo de... resistência ao lírio, em vez de uma fraqueza por ele? Ou isso era apenas mais uma amaciada em seu orgulho?

E se, e se. Ele nunca poderia ter certeza, agora. Mas mesmo a ideia, e a confiança depositada nele, o fizeram ficar de pé novamente, marchando na vanguarda de seus templários com sua bandeira tremulando acima. Ele os levaria a um fim glorioso, aonde quer que fosse.

Samson não havia falhado, afinal. E ele não estava perdido. Ele havia sido escolhido.



Agora Samson olhou para o homem solene e indiferente que havia sofrido naqueles lugares escuros ao seu lado. “Você já pensou nos velhos tempos, Maddox? Sobre Kirkwall ou Meredith, ou a Força?”

Maddox estava colocando combustível na forja de lírio como se estivesse colocando peças de xadrez. “Não. Não tenho sonhos e nem capacidade de arrependimento.”

Samson riu um pouco. “Tranquilificação é boa para alguma coisa, então.”

“Mas eu poderia pensar naqueles tempos se for necessário. Você quer que eu faça isso?”

Olhando para a armadura vermelha e brilhante tomando forma no manequim, Samson balançou a cabeça. “Talvez você esteja melhor. Duvido que o aço queira se lembrar da forja de onde saiu, também.”



“Eu prefiro aqui”, disse Maddox. “É calmo. Posso me concentrar no meu trabalho.” Ele fez uma pausa. “Samson, um pedido? Acho mais difícil trabalhar quando há muito barulho no acampamento.”

Samson estava prestes a dizer que podia mover a tenda para mais longe, quando ouviu um grito e berros do lado de fora. Num piscar de olhos, ele empurrou a aba da tenda para o lado e correu para o acampamento.

Com os olhos arregalados, seu cobertor fumegando onde havia sido jogado no fogo, o jovem templário Wystan cambaleava no meio de seus companheiros que o circulavam, atacando brevemente cada um deles. Uma espada pingando estava em sua mão, e o som oco vindo de sua garganta era desumano. Um cozinheiro agachado perto do fogo, tratando seu lado rasgado e ensanguentado.

Os pelos da nuca de Samson o espetaram como agulhas. Ele já tinha visto essa loucura atingir seus templários antes. Mas nunca tão rápido.

Wystan rosnou e golpeou os outros com sua lâmina. De cada lado, três templários se amontoaram sobre ele, arrastando seus braços para derrubá-lo — Wystan jogou dois para longe, e a terceira, a intendente do acampamento, cambaleou para longe segurando um terrível corte no rosto.

“Deixe-o comigo!”

Samson se empurrou descuidadamente pela multidão e encarou Wystan. O brilho vermelho nos olhos do rapaz era incandescente. “Afastese, Wystan”, ele ordenou.

Wystan sorriu desigualmente. O tom avermelhado se espalhou para seus dentes, para as unhas da mão que segurava sua espada. E então Samson percebeu que tinha saído correndo da tenda de Maddox sem arma e sem capacete.

“Finalmente mais forte”, sussurrou Wystan. “Eu posso... Nós provamos o vermelho, e logo eles estarão mortos!”

Sua mão livre agarrou sua cabeça como se estivesse com dor, antes de pular. Samson deu um passo para o lado, mas o jovem recruta era bem treinado. Wystan se virou e teria cortado a nuca de Samson se ele não tivesse rolado para longe imediatamente. Samson se levantou, lembrando-se das brigas nas ruas de Kirkwall depois do anoitecer... e coisas mais estranhas do que ladrões que rondavam as sombras da Cidade Baixa, e foram como pesadelos.

Mas isso não era um sonho. Esse garoto era seu templário, sob seu comando, seu para proteger.



“Nós provamos o vermelho”, Wystan disse novamente, tecendo como uma cobra. “Você nos deu. Estamos nos tornando... mais. Para lutar por um novo mundo. Era isso que você queria.”

“Mas você está deixando que ele o controle”, disse Samson. Os dois estavam circulando um ao outro, olhos fixos. “Um homem usa sua força. Não o contrário. Esse era o jeito da Chantria. Foi para isso que pegamos o lírio com nossas próprias mãos. Lembra?”

Wystan gritou; o som atingiu os ouvidos de Samson como o desafio de um demônio. Através dele, da multidão de soldados se movendo ao redor deles, uma voz mais calma disse: “Com licença, Samson.” A lâmina quebrada da espada de Samson, a ponta estilizada envolta em couro, colocada aos pés do general. Ele a levantou com o dedão do pé e enrolou uma ponta do couro firmemente em volta dos nós dos dedos. Samson vislumbrou o rosto sem emoção de Maddox à luz do fogo antes que Wystan corresse para ele, enlouquecido, sua própria espada brilhando.

Samson aparou o golpe. Wystan o pressionou e eles se chocaram. Sem um punho, o aperto de Samson era desajeitado, mas ele foi capaz de se lançar e mexer como uma abelha tentando acertar uma picada. Enquanto Wystan balançava em sua cabeça, Samson se impulsionou pelo lírio que havia bebido antes, puxou sua mão vazia e socou Wystan no estômago com uma força sobrenatural. Um brilho vermelho ondulou do golpe. O rapaz tossiu, mas não largou sua espada; em vez disso, ele se lançou para matar. Samson levantou a lâmina quebrada e derrubou a espada de Wystan para cima e para longe. O corte que deveria ter arrancado o olho de Samson passou por cima de seu ombro como um borrão.

Aproveitando a chance, Samson bateu sua testa no rosto de Wystan. Ele viu estrelas e algo estalou, mas foi Wystan quem cambaleou. O garoto tropeçou. Gotas de sangue voaram enquanto ele se esparramava na grama.

Samson pressionou o joelho no seu peito e colocou a lâmina contra a garganta de Wystan. “Sente isso? Sente o aço em volta do seu pescoço? Foi isso que a Chantria fez. Nos envenenou para seu próprio poder, então nos prendeu como um mabari raivoso.”

Ele pressionou mais forte por um segundo, sabendo que poderia matar esse garoto. Ele poderia acabar com o que estava por vir antes mesmo de começar.

Então ele abaixou a lâmina. “É isso que fazemos. Porque escolhemos assumir o controle. Porque queimaremos tudo antes de deixar a Chantria reivindicar mais um templo.”



Wystan ficou mole. O brilho vermelho em seus olhos estava mais suave agora. Ele soltou um soluço estrangulado. “Sir. Sir, eu—

Samson moveu o joelho, agarrou o antebraço de Wystan e o puxou para cima. “Às vezes, é assim que isso te pega”, ele disse. “O truque é não ser dominado por isso.”

Samson levantou a voz para a multidão de templários ao redor deles. “Que isso sirva de lição para todos vocês. Vamos destruir esse mundo apodrecido e reconstruí-lo. Haverá sangue e muito dele será nosso.” Ele endureceu o tom. “Alguns de vocês irão mudar — talvez em algo monstruoso. Mas então vocês serão invencíveis.

“Temos que ser monstruosos. Você acha que o mundo vai mudar porque você pediu gentilmente? Estamos lutando contra uma fera que tem suas garras firmes em Thedas há muito tempo — precisamos da mesma crueldade. É preciso fogo e uma bigorna para forjar uma espada. Não vale a pena o sacrifício? Qual é o preço do seu coração e alma? O direito de ser você mesmo?”

Alguém começou a bater palmas; outros se juntaram. Samson levantou a voz para um grito que todo o acampamento podia ouvir, alto o suficiente para aqueles que ouviam na escuridão além, e empurrou sua espada quebrada para o céu.

“Uma tempestade vermelha surgirá!”

Aplausos de todos os lados se tornaram um canto: “O novo mundo! O novo deus! A tempestade vermelha surgirá!”



Maddox deixou seu outro trabalho de lado e trabalhou até tarde da noite reforjando a espada de Samson. Tinha que ser feito com cuidado: essa lâmina defenderia novamente a vida de Samson. Ele era o general de Maddox e seu amigo. Tudo deveria estar bom. Foi conveniente que a lâmina não sofreu mais danos no duelo com o Cavaleiro Templário Wystan. Como os templários, ela sobreviveria para ser transmutada.

Ao amanhecer, a espada estava reforjada, com um pouco de sucata de metal sobrando. Maddox olhou para ela e se lembrou de sua conversa com Samson na noite anterior, sobre Kirkwall e a vida que ele viveu.

Tranquilos não desperdiçam nada. Pegando a sucata em sua pinça, ele a aqueceu cuidadosamente, trabalhou o aço na bigorna com alguns golpes hábeis e a extinguiu. Ele colocou sua criação na mesa perto da armadura para esfriar — um pequeno pássaro, asas estendidas, forjado em aço.



Conto originalmente disponível em: <https://blog.bioware.com/2015/04/30/short-story-paper-steel/>





O ENIGMA DA VERDADE

Por Joanna Berry

Me permita. É um dia de fim de primavera em Val Royeaux, quente o suficiente para apreciar as cerejeiras nos jardins da mansão enquanto bebemos vinho gelado sob um guarda-sol. Os sinos e o doce coro da Chantria da cidade constituem um cenário encantador para a nossa conversa. Falamos de tudo: desde as intrincadas maquinações da Corte Imperial, às modas dos nossos rivais, até ao que fazer com as últimas insolências de Ferelden.

Você está charmoso como sempre e tão espirituoso que não resisto a começar um joguinho de enigmas. “Escute: como pode a reputação de um homem ser quebrada por uma rosa?”

“Que pergunta deliciosamente vergonhosa”, você diz. “Sem dúvida é uma metáfora para alguma virgem envergonhada.”

“Não, seu libertino”, respondo, “veja:”

*Os botões de rosas brancas no galho
Tão recatados quanto a noiva do Criador
Enquanto a rosa-cão floresce no verão
Lança pétalas cor-de-rosa para longe e para longe.*

*Eles se agarram ao salgueiro em constante mudança
Curvando seus galhos sob seu alcance.*

“Esse verso foi compartilhado em todas as leituras de poesia em salões no verão passado”, acrescento. “Ele encerrou a carreira do Barão de Fossent de forma bastante decisiva.”

“Um poema? Que curioso!”

“De forma alguma”, explico, tomando meu vinho. “O Barão de Fossent é há muito tempo um parceiro comercial da família Daniau, cuja libré é, claro, a rosa branca. Os Daniaus são poderosos e bastante sensíveis. O salgueiro representa o próprio Barão, devido aqueles três salgueiros do lado de fora de sua mansão ancestral.”

“E a rosa-cão?”

“Ora”, rio, “as conexões secretas do Barão com mercadores em Ferelden — cães, veja! — e rumores de uma amante Fereldana com influência indecorosa sobre o Barão. O suficiente para ofender o patriotismo de uma linhagem tão nobre quanto os Daniaus; eles o rejeitaram de forma bastante decisiva. Esse pequeno verso,



repetido com tanta frequência, os ajudou a perceber que seu parceiro havia se tornado um fardo.”

“Que escândalo”, você diz, espantado.

“Com certeza! Mas quando o Barão de Fossent deixou Val Royeaux em desgraça, suas conexões buscaram outro patrono, e... bem, alguém não podia deixar passar tal oportunidade. Eu me saí muito bem, se você me perdoar por um momento de vulgaridade sobre dinheiro.”

A isso eu poderia acrescentar: “É o Grande Jogo, afinal. Onde há perdedores, não se entende que também deve haver vencedores?”

Eu sorrio. “Com seu apetite aguçado, o que você acha desse enigma?”

*Afiado pela luz do sol,
Perto de velas eu rastejo:
Eu morro na escuridão,
Mas marque a hora em que eu caio.*

O que eu sou?

Você, meu querido companheiro, acerta a resposta imediatamente. “Depois de ver o relógio de sol no seu roseiral ao meio-dia, ele não pode ser nada além de uma sombra.”

Eu rio da sua inteligência. “Pelo Criador, derrotada pelos meus próprios jardins! Eles são muito queridos para mim, como você sabe.

Meu sorriso pode se tornar melancólico. “Eu caminhava frequentemente por esses gramados, ouvindo e filosofando, enquanto meu querido irmão treinava como chevalier. Ele brilhou tanto que demorou para perceber como é útil ser esquecido – uma sombra.”

Eu me animei. “Agora, luz e sombra – isso me lembra outro poema:”

*Um falcão caçador é selvagem e sábio
Reto como o caminho da flecha, ele voa.
Enquanto o martim-pescador arranca do brilho e da réstia
Colhendo os frutos do riacho.*

“Uma parábola?” você pode perguntar, curiosamente.



“Ora, sim”, respondo, enchendo seu copo. “Um falcão é facilmente visto em dias claros, direto e verdadeiro. Seu ataque é decisivo – talvez até heróico – mas, apesar de tudo, ela pode sair de mãos vazias se o rato ou coelho fugir. Enquanto isso, o pequeno martim-pescador é uma joia esquecida, colhendo migalhas de um grande rio. Nada é perdido e o martim-pescador prospera.”

Você observa: “Outro lado do Grande Jogo. Que bem colocado!

“Uma excelente lição, com certeza”, concordo. “Um chevalier pode ser como um falcão – realizar feitos grandiosos e ser inundado de glória – apenas para descobrir que um sujeito mais sutil destruiu sua influência na corte em casa, com doces presentes e promessas ainda mais doces. Pequenas vitórias se somam.”

“Honra e valor são preciosos, certamente?”

“Para um chevalier, de fato”, eu respondo, “mas o prêmio dos nossos esforços é uma moeda mais sutil. Os tolos falam do Jogo como se fosse xadrez ou Trunfo-E-Honras, quando não é nada tão simples. O Jogo é tanto aluno quanto professor, e sua maior lição é que uma vitória elegante é mais do que a vitória. A verdadeira maestria é não dar ao seu oponente outra escolha a não ser ceder — graciosamente.”

Eu tomo um gole do meu vinho. “Infelizmente, elegância nem sempre é o suficiente. Existem maneiras mais diretas de conseguir o que é necessário. Uma colher de sal no chá de um rival, para mantê-lo longe de um encontro primordial. Um bardo tão bom entre os lençóis quanto ele é com a harpa. Até mesmo, talvez, uma sugestão do aço...”

“Ninguém jamais colocaria tais feitos na sua porta”, você me assegura. “A própria ideia. Você, de todas as pessoas, está acima de qualquer reprovação!”

Porque somos bons amigos, posso sorrir e falar uma confidência. “Você é um exemplo de virtude. Mas é necessário pensar na alternativa. O Grande Jogo é pelo bem de Orlais. O que é uma crise de consciência momentânea, se as nossas ações garantem a segurança da nação?”

Talvez eu brinque com meu copo. “Você ouviu essa brincadeirinha, certo?”

*Uma beleza dourada de antiga stirpe
Amantes pendurados em cada um de suas privações
E lírio correndo em suas veias?*

“Certamente não a Condessa Sandrice?” você poderia perguntar. “Ela não foi—?”



“Exilada como uma suposta espiã do Império Tevinter?” Eu poderia suspirar e balançar a cabeça, mas tenho alguns arrependimentos. “Talvez tenha sido um pouco prematuro espalhar essa rima sugerindo isso, antes que provas definitivas fossem obtidas..., mas não era ela uma influência terrível para a Imperatriz, com suas ideias selvagens sobre o tratamento de magos? O que mais provas teriam acrescentado, além de confirmar o que todos nós sabíamos com certeza: que ela nunca deveria ter sido permitida na corte em primeiro lugar?”

Eu sorrio. “Claro, eu sussurrei em alguns ouvidos para garantir que lidassem com suas terras adequadamente. Eu tinha alguns destinatários em mente, todos muito mais adequados...”

Talvez você ainda não esteja convencido. Você poderia dizer, curiosamente: “O Senhor Meduet fugiu pouco depois”.

“Um homem muito desagradável, cujas riquezas eram totalmente imerecidas. Sua associação com Sandrice precisava de mais tempero: uma pitada de roanmce entre sua filha e um pirata Rivaini serviu muito bem. Uma das minhas ideias mais arrojadas, embora mais parecida com uma novela de cinco cobres.

“A desgrça de Lady Aurelie? O... suicídio do Marquês de Carfons?”

“O gosto de Aurelie pelo pequeno absinto era indecoroso; os rumores praticamente se escreveram sozinhos. De Carfons era uma perspectiva mais complicada. Aquelas “festas” com suas criadas estavam sendo negligenciadas – tive que recorrer a uma humilhação mais robusta, embora nunca o tenha imaginado tão sensível.” Encho meu copo novamente. “Eles eram pessoas terrivelmente inadequadas. Não estamos melhor sem eles?”

“Mas”, você poderia perguntar, “você não tem medo de ser pega em tais inverdades escandalosas?”

Eu eu poderia responder: “Aqui está o melhor enigma de todos. O que é a verdade?”

“Nunca me deram uma resposta satisfatória; os estudiosos e metafísicos da corte discordam de uma forma muito divertida. Considere: a lealdade inabalável de um cortesão — a ‘verdade’ deles, poderíamos dizer — seria totalmente refutada se eles fossem revelados como espiões amanhã, não é? Se nos encontrássemos no Grand Marché, e eu estivesse encapuzada e mascarada, você poderia ter certeza de que sou a mulher que você conhece? Então, é preciso perguntar, se a verdade é tão elusiva, e uma mentira tão mais útil, por que escolher uma em vez da outra?”

“A verdade é a verdade!” Posso ouvi-lo dizendo, meu caro amigo — e eu entendo,



pois você tem boa consciência e eu o conheço muito bem.

“Vamos lá”, eu poderia dizer então. “Não há realmente nenhuma face oculta que você mantém virada do mundo? Não há verdades que você manteria escondidas, como uma mariposa voando no escuro? Nenhum medo — especialmente com magos e templários nas gargantas uns dos outros — do que o amanhã pode trazer?”

Observo as torres brilhantes de Val Royeaux contra o céu azul-claro. “Não existe uma parte de você que vê as máscaras e ficções do Grande Jogo, as lealdades em constante mudança, e sabe que o mundo além delas não é menos mutável? Há uma Chantria e um império e chavaliers e nações inimigas, com certeza. Mas por que essas coisas deveriam ser sempre assim? Houve um tempo antes delas existirem — será que esse tempo não poderia voltar?”

“E se um vento forte soprasse e virasse todas essas coisas de cabeça para baixo... ou fizesse com que elas nunca tivessem existido? Onde, então, essa sua “verdade” estaria? Você me veria, então, como eu realmente sou?”

Talvez uma brisa esteja derrubando flores daquelas lindas cerejeiras.

“Ora, essas coisas que você diz!” você poderia responder, se tivesse ouvido mais o meu tom do que minhas palavras. “Pensei que te conhecia tão bem!”

“Ah, de fato!” Eu responderia. “Isso tudo é uma fantasia momentânea. Perdoe-me! Nunca tema esses meus pequenos devaneios; eu nunca toleraria tais gambitos perversos sendo usados contra você.”

“Por favor, me permita. Mais vinho?”

Conto originalmente disponível em: <https://blog.bioware.com/2015/09/17/the-riddle-of-truth/>





PAGANDO O BARQUEIRO

Por joanna berry

Calpernia agachou-se e colocou a mão no ladrilho esburacado. Sim. Aqui. Neste local, quando ela tinha sete anos, ela testemunhou um homem ser transformado em pó por magia.

Mesmo agora, a pedra continha um traço de poder. Ela usou seu próprio talento mágico para usá-lo, e sua própria memória. O momento voltou a ela: o grito do homem enquanto seu corpo se transformava em faíscas e cinzas, e então em nada. Ela conseguia se lembrar dos murmúrios horrorizados da multidão, e do mago encapuzado que lançou o feitiço se afastando.

Mais tarde, ela aprendeu que tais duelos mágicos não eram incomuns nas ruas de Minrathous, capital do Império Tevinter. Mas foi a primeira vez que Calpernia viu com seus próprios olhos.

Com a mão ainda sobre a pedra, Calpernia cavou mais fundo naquele pedaço de poder intermitente, querendo se sentir como a criança que ela tinha sido: uma garota loira tão magra quanto um feixe de gravetos com um trapo amarrado em um só pé em vez de um sapato.

Ela tinha se deparado com o duelo em seu caminho de volta do mercado, carregando uma garrafa de leite grosso e azedo e um pote de azeitonas. Os gritos e os trovões a atraíram para a beira da multidão, mas ela não compartilhava do medo deles. Sem piscar, mesmo quando o rosto gritante do homem sem nome foi levado pelo vento, foi seu primeiro verdadeiro vislumbre de poder.

Uma luz brilhou nela então, um sentimento que transbordou. A garrafa de leite azedo se espatifou no chão, as azeitonas se espalharam, e ela fugiu, não por medo, mas por algo muito tremendo para uma garotinha entender. Ela disparou pela cidade em direção a um distrito que mal conhecia.

“Onde conheci o barqueiro”, disse Calpernia em voz alta, agora levantando a mão do ladrilho. “E agora, para dizer adeus.”

Ela foi limpar a palma da mão nas roupas, mas se conteve. Em vez de trapos, ela estava usando um manto fino de linho azul e preto bordado. A faixa preta que envolvia seus quadris estreitos escondia uma pequena bolsa de moedas. Ela carregava um cajado de espinheiro-negro na mão livre e, nos pés, usava botas macias de pele de cabrito. A generosidade de seu Mestre lhe deu esse conjunto apenas alguns dias atrás, e ela queria mantê-lo imaculado. Ela nunca havia possuído nada antes.

Calpernia se levantou e continuou andando. Ninguém havia dado a seu momento de reflexão uma segunda olhada. A rua estreita, seu mármore se desintegrando



como osso velho e cheio de lixo, era uma das avenidas mais silenciosas de Minrathous. Os poucos que passaram — elfos curvados sob mochilas pesadas, soldados cujas lanças e armaduras brilhavam ao sol, um padre robusto de túnica — tinham lugares melhores para estar.

Assim como Calpernia. Ela poderia ter que deixar Minrathous a qualquer momento, de imediato. Se ela fosse dizer adeus, deveria fazê-lo corretamente.

Seguindo a rua e seus becos sinuosos, ela chegou ao mercado na Praça dos Três Imperadores. As três estátuas que davam nome à praça estavam posicionadas ao redor de uma fonte que gotejava lentamente no centro. Calpernia seguiu uma brisa docemente perfumada através da multidão de cidadãos, artistas de rua e comerciantes até uma barraca que vendia perfumes e incenso. Um bando de crianças imundas assediou o vendedor de incenso, implorando por moedas; um garoto gritou quando um pedaço de carvão se estilhaçou perto de seus pés descalços.

“Vão embora”, rosnou o vendedor de incenso, brandindo outro pedaço, e as crianças fugiram. “Malditos refugiados nunca escutam”, ela acrescentou enquanto Calpernia se aproximava, então abriu um sorriso doce. “O que você quer hoje, minha senhora? Óleo de jasmim para seu lindo cabelo? Ou este raro attar de tahanis, trazido para você das selvas selvagens de Par Vollen?”

Corando, Calpernia olhou para a barraca e todos os seus luxos perfumados. Ela podia comprar o óleo de jasmim, ela percebeu, ou qualquer um desses frascos que pareciam joias, e ele pertenceria a ela para sempre. Ela podia ir para outra barraca e comprar tâmaras doces, e sentar-se perto da fonte para comê-las; ela podia passar o dia todo em uma casa de banhos; ela podia comprar uma passagem em um navio e navegar para mares quentes e distantes. Ela podia fazer o que quisesse.

Marius, se você pudesse me ver agora.

Calpernia se armou contra esse pensamento. Ela tinha sonhado o suficiente com o passado hoje. Aos negócios.

“Eu preciso de incenso”, ela disse. “Resina de olíbānum. É para... um velho amigo.”

A vendedora de incenso ergueu as sobrancelhas e foi até um pequeno baú trancado atrás da barraca. “Minha senhora tem um gosto requintado. Quanto?”

“O suficiente para uma oferenda”, disse Calpernia, então, tonta com a chance de possuir algo: “Uma oferenda generosa.” O barqueiro tinha merecido.

Enquanto o vendedor media a resina, Calpernia olhou ao redor do mercado; além de um malabarista jogando bastões de madeira pintados, um grupo de fi-



guras malvestidas mancava pelo mercado, estavam carregando fardos pesados e olhando com olhos assustados. As pessoas zombavam.

“Tantos refugiados na cidade hoje em dia”, disse a vendedora de incenso, seguindo seu olhar e colocando um peso na balança. “Os Qunari fizeram outra investida.”

“Não está certo”, disse Calpernia.

“Oh, certamente! Poderíamos viver sem mais mendigos nas ruas...”

Mas Calpernia não olhava apenas para os refugiados, mas também para as pedras em ruínas e manchadas de líquen da praça onde se encontravam, e para as torres envelhecidas de Minrathous que se erguiam mais além. Ela pensou nos Qunari assediando a costa com seus encouraçados, na outrora poderosa Estrada Imperial que Tevinter usara para cruzar um continente. Agora era pouco mais que uma linha quebrada de mármore, coberta pela vegetação campestre. “Cidadãos do maior império de Thedas, reduzidos a trapos pelos bárbaros”, disse Calpernia suavemente. “Tudo o que o Arconte Darinius fez, levou a este ponto. Nossas cidades já foram poderosas, nosso alcance tão longe. Esses dias devem voltar.”

A vendedora de incenso piscou, e Calpernia se perguntou se não era assim que os cidadãos livres falavam. Para amenizar as coisas, ela pegou sua bolsa e entregou várias moedas à vendedora. “Meu incenso?”

A vendedora olhou para elas. “Isso é apenas metade do preço, minha senhora. Por favor, Olíbanum está caro hoje em dia.”

O sorriso de Calpernia se endureceu; ela não sabia quanto custaria. Deliberadamente, ela colocou moeda após moeda na palma da mão da vendedora. “Meu fornecedor habitual é menos caro”, ela disse, aceitando a pequena bolsa de incenso com o que esperava ser uma dignidade apropriada.

A vendedora de incenso fez uma reverência. Calpernia se virou, um rubor na nuca. Ainda assim, a vendedora foi educada, apesar da confusão. Ela viu Calpernia como uma maga e se comportou com a devida deferência.

Uma maga, Calpernia pensou, e se endireitou.

Ela atravessou o mercado até o arco oeste que levava mais adiante na cidade. Dois magistrados bloqueavam o caminho, conversando com as sobranceiras franzidas, enquanto suas comitivas de escravos e guarda-costas permaneciam, atentas, de lado.

Quando Calpernia se aproximou o suficiente para ver seus rostos, um deles olhou



na direção dela. Seu coração disparou; ela mudou de direção sem diminuir o passo e seguiu para outra rua lateral. A salvo, ela olhou por cima do ombro. O magistrado à direita, um homem musculoso com uma túnica cinza prateada, tinha uma queimadura distinta na bochecha, quase como um ponto de interrogação invertido.

Era o magistrado Anodatus, um homem que ela conhecia melhor do que gostaria. Ele era descendente do Arconte Ishal, e sua família era tradicionalmente responsável pela manutenção dos grandes golems Juggernaut que ainda existiam, por muito tempo em silêncio, do lado de fora dos portões de Minrathous. Eles até receberam um subsídio dos cofres da cidade por isso. Mas Anodatus parecia pensar que o dinheiro seria mais bem gasto em festas luxuosas, jogos de azar e bugigangas feitas por anões. Calpernia sabia disso porque ela havia servido chá de menta para ele e sua mais recente consorte pomposa, ficou de pé e ouviu enquanto ele se gabava, ou se fez sorrir quando sua “inteligência” atingia como um escorpião.

Assim, mesmo vestida como estava, com seu cabelo loiro penteado, seu rosto pintado para acentuar seus suaves olhos castanhos, Magistrado Anodatus poderia reconhecê-la como uma escrava.

Ele iria querer saber o que havia acontecido com o mestre de Calpernia.

Calpernia foi na outra direção. Não seria bom deixar o barqueiro esperando.



Calpernia foi colocada no mercado de escravos quando tinha idade suficiente para ficar de pé. Sua primeira lembrança era a de ser pressionada por todos os lados por corpos – todos suando e chorando – até que ela foi expulsa primeiro para o leilão e depois para sua primeira casa. Ela servia no andar de baixo, geralmente com as mãos e joelhos em uma escova, enquanto ainda era pequena o suficiente para rastejar em chaminés e sob o chão. Aprendeu a ouvir ecos através das paredes: histórias, escândalos e confidências.

Algumas adegas em Minrathous estavam ligadas às antigas catacumbas escavadas na rocha abaixo da cidade. Ninguém sabia até onde eles iam. O ar que subia daqueles lugares tinha um cheiro velho e tinha também seus próprios segredos. Certa vez, enquanto varria a adega, a pequena Calpernia encontrou uma fenda profunda nas pedras entre dois barris próximos. Ela podia sentir o ar saindo dele.

Colocando seu pequeno ouvido contra a fenda, ela ouviu algo ecoando de muito abaixo — uma canção, um soluço ou um sussurro, muito distinto para ser o vento e muito assustador para ser humano. Permaneceu em seus sonhos por muito tempo.



O tempo passou, enquanto ela trabalhava em cozinhas e sótãos ou sob o sol quente de Minrathous. Calpernia foi vendida de um lugar para outro enquanto crescia de uma garota esguia para uma jovem mulher, frequentemente ignorada, mais frequentemente chicoteada. Ela carregava as cicatrizes com um orgulho raioso, mas sabia que poderia ter sido muito pior. Algo sobre Calpernia deixava seus mestres inquietos, e isso os impedia quando eles poderiam tê-la chicoteado até deixá-la inconsciente. Em vez disso, ela era a que era ordenada a realizar tarefas nas áreas mais desagradáveis da cidade, limpar salas misteriosamente seladas ou levar mensagens após o anoitecer além do Campo de Provação.

Ela foi cautelosamente, mas sem discutir. Calpernia não temia a escuridão ou os sussurros de salas vazias — nem, com o tempo, os sonhos estranhos que iam até ela.

Os outros escravos não aceitavam coisas peculiares assim.

“Você estava falando dormindo ontem à noite”, uma moça da cozinha a acusou certa noite, quando ela voltou para os aposentos exausta e com os pés doloridos. “Palavras estranhas. Não eram tevinterianas.”

“Eu... Talvez eu estivesse. Não me lembro de—”

“Não é natural”, um dos atendentes de banho de seu mestre acrescentou, cruzando os braços sobre o peito enorme.

“Mas eu não posso evitar o que sonho!”

“Você pode evitar onde sonha”, disse outra pessoa. “Vá para os estábulos. Não queremos isso aqui.”

Ela foi — e se encolheu na palha enquanto as lágrimas em seus olhos ardiam mais do que qualquer chicotada. Ela não tinha família, nem casa, nem ninguém no mundo além de seus companheiros escravos. E eles nem pareciam perceber sua importância. Em suas tarefas, ela viu como a escravidão era o sangue e o fôlego de Minrathous, mesmo quando muitos escravos, em seu desespero, paravam de pensar em si mesmos como pessoas. Alguns até paravam de pensar em qualquer coisa.

Ela teria falado mais sobre isso nos aposentos, mas eles a encararam em vez de ouvir. Qualquer estranheza que seus mestres sentiam sobre ela perturbava os outros escravos também.

Eventualmente, Calpernia foi vendida novamente. Sua última senhora deve ter cobrado um favor porque ela acabou na casa de um magistrado.

Para um escravo em Minrathous, esse era um destino que poderia ir para qual-



quer lugar. Por um lado, os magistrados viviam bem o suficiente para que seus escravos pudessem desfrutar de melhores migalhas. Por outro lado, havia rumores de que alguns magistrados caçavam seus escravos para usá-los em rituais de magia de sangue.

Com a cabeça cheia dessas histórias, Calpernia entrou na ponta dos pés na casa do Magistrado Erasthenes como um gato medroso. Felizmente, seu novo mestre não era um mago de sangue, mas um estudioso especializado no estudo dos Deuses Antigos. A vasta mansão de Erasthenes estava cheia de livros e relíquias antigas e cheia de poeira. Uma estátua de dragão rachada, que ficava do lado de fora do Templo de Razikale antes de se tornar um Círculo, descansava no saguão e pairava sobre os visitantes.

Havia poucos outros escravos na casa, o que significava que Calpernia se encontrava limpando, buscando coisas e vasculhando do amanhecer ao fim da tarde. Erasthenes não era tão velho, mas seus pulmões e costas estavam ruins, então a maior parte de seu tempo era gasto trancado com suas relíquias ou fazendo ritos com seu colega, aquele presunçoso Magistrado Anodatus com uma cicatriz na bochecha. As piores surras — dadas por Sorka, a sombria governanta anã da casa — eram por perturbar seu trabalho, o que seria mais fácil de evitar se Erasthenes não deixasse lixo espalhado pelo lugar.

Uma tarde, carregando baldes pesados de água pelo pátio até a cozinha, os braços de Calpernia doíam demais para continuar. Ela colocou os baldes no chão e se encostou na parede para recuperar o fôlego. Seu olhar desceu direto na porta da antecâmara, onde lhe disseram que os escravos não deveriam entrar. Mas se ela passasse por ela, poderia cortar caminho por aquela ala e pegar o corredor de serviço até a cozinha, em vez de carregar os baldes por todo o caminho.

Mordendo o lábio, ela abriu a porta e olhou para dentro. Não havia ninguém à vista. Longas sombras caíam em um piso de mármore tão liso e frio quanto creme.

Ela estava suada pelo calor. Calpernia se aventurou para dentro, suspirando de alívio, então parou. A perfeição do chão era quebrada por símbolos estranhos pintados em rosa e prata.

Agachando-se, ela estendeu a mão para um deles, um —

“Cuidado”, uma voz a alertou. O coração de Calpernia errou a batida.

Um dos guarda-costas da mansão estava em posição de sentido contra a parede oposta. Ao contrário da maioria dos brutos desajeitados que escoltavam os magis-



trados pela cidade, ele era jovem e comparativamente magro sob sua armadura, com cabelo castanho curto cortado rente para caber sob um capacete.

Ele acenou com a cabeça para os símbolos. “Proteções que sobraram de um dos experimentos do mestre ontem à noite com Magistrado Anodatus. Eu não mexeria nisso.”

Calpernia endireitou-se, se arrumando. “Eu conheço você”, disse ela, precisando dizer algo para acalmar seu coração acelerado. “Você é Marius. Você quebrou o pulso daquele ladrão no mês passado.”

“Ele sobreviverá”, disse Marius, “o que é mais do que você vai conseguir se tocar nesses malditos sinais mágicos. Cuidado com os pés.

Calpernia olhou novamente para os símbolos. Magia. O poder que ela viu quando criança, o poder do Magisterium. Esta foi a raiz de tudo. Os sinais elegantes pareciam dançar na superfície polida. “Mesmo que sejam uma ameaça, eles são adoráveis”, ela murmurou.

“Felizmente, nem tudo que é lindo é perigoso”, disse Marius. A cabeça de Calpernia se ergueu e viu um esboço de um sorriso no rosto dele. Ele...?

Marius olhou ao redor e abriu a porta ao lado dele. “Este é o atalho que você quer, certo? Vá em frente. Não vou contar a ninguém.”

Calpernia pegou seus baldes e passou por ele. “Obrigada,” ela disse, “e obrigada pelo aviso, mas...” Ela olhou para aquelas mãos grandes que quebraram o braço de um ladrão. “Não tenho medo algum de coisas perigosas.”

Calpernia sorriu enquanto saía.

Depois disso, ela começou a ver Marius com mais frequência. Ou talvez ela simplesmente tenha notado quando ele estava lá agora. Marius servia como guarda da casa e da pessoa de Erasthenes porque havia muitas relíquias antigas aqui, mas sua habilidade natural e velocidade superavam em muito as de um simples guarda-costas. Calpernia avistou Sorka, a governanta, observando o regime de treinamento de Marius às vezes, seus braços grossos cruzados e sua testa franzida avaliando.

Lentamente, a cautela de Calpernia em viver na casa de um magistrado foi substituída pela curiosidade. Ela começou a olhar furtivamente para os tomos de seu mestre enquanto os espanava. Com o tempo, esses olhares se tornaram mais longos. Letra por letra, palavra por palavra, ela começou a aprender a ler a partir deles, respeitando o poder que a leitura dava a seus mestres.



Os livros eram amigos sábios e generosos. Eles se tornaram uma boa companhia quando ela precisava. Embora ela tentasse se conectar com os escravos da mansão, ela foi rejeitada novamente — por seus sonhos, por suas ideias — por todos.

Quase todos.

“Ninguém me escuta”, ela disse tarde da noite uma vez na biblioteca, folheando um grimório empoeirado cheio de palavras grandes que ela ainda não conseguia decifrar. “Nós, escravos, mal ouvimos uns aos outros.”

“Eu escuto você”, Marius apontou. Ele estava montando guarda na porta da biblioteca, embora, talvez, ele não estivesse no lugar que Sorka o designou. “Só um tolo ignoraria uma voz tão doce.”

Calpernia corou e continuou virando as páginas. “Puxa-saco.”

“Você espera muito dos outros. Você usa o nome Calpernia e diz às pessoas que usam trapos e dormem nos cantos que elas são as pessoas mais importantes do império. O que eles deveriam dizer?”

“Eles não deveriam dizer nada, não com os olhos da Sorka sobre eles. ‘No silêncio está o coração pulsante da sabedoria.’” Essa, pelos versos de Dumat, era a frase favorita de Calpernia até agora. “Só reconhecer o quão valiosos eles são, mesmo como escravos, e o que eles poderiam fazer se fossem livres. Abrir seus olhos.”

“Para ver o quê? Palácios antigos e magos podres que derramam sangue de escravos como água? Até aquele seu barqueiro—”

Calpernia se virou para ele. “Não precisa ser assim!” Ela deu um soco no grimório. “O império costumava ser diferente. Quando a vida de uma pessoa era gasta, isso significava algo—comprava algo. Se os escravos tivessem uma voz que o Arconte pudesse ouvir...”

Ela parou de falar, procurando pelas palavras, e Marius ficou sério. “Sinto muito.” Ele suspirou e sorriu. “Você leria um dos livros para mim? Nada sobre magos dessa vez.”

“Não acho que isso seja um livro de histórias.” Calpernia empurrou o grimório de volta, esfregando o pescoço dolorido e se espreguiçando, e se viu olhando para o teto da biblioteca. Normalmente ela estava focada em tirar o pó; ela nunca tinha olhado para o teto antes. Laca azul-escura cobria a parte interior da cúpula com as constelações destacadas em folhas de ouro. Um nó de vidro dourado marcava cada estrela.



“Aqui está uma história então”, ela disse, ainda se inclinando para trás e olhando para elas. “Uma garota está tão focada em seu trabalho que esqueceu como olhar para cima. Todos que ela conhece também se esqueceram. As estrelas estão lá, mas ela não se lembra do porquê vale a pena olhar para elas.”

Uma sombra apagou as constelações acima. Ela piscou quando Marius se inclinou sobre ela. Seu hálito tinha um cheiro doce. Ele pegou o queixo dela com uma mão gentil e o levantou.

“Pule para o final”, ele disse a ela.

Ela passou um dedo pela bochecha dele e descansou-o contra seus lábios. “Termina em silêncio.”

A vela na mesa ao lado deles se bruxuleou e se apagou.

Eles eram tão discretos quanto podiam ser. Mas os talentos de Marius chamavam cada vez mais atenção. Até Calpernia percebeu que ele estava sendo desperdiçado como só um guarda-costas. Com o treinamento certo, ele poderia se tornar um assassino talentoso ou até mesmo um matador de magos: uma fonte de prestígio para qualquer magistrado e uma forma de inclinar a escala política. Mas ela disse a si mesma que Erasthenes não se importava com essas coisas, apenas com seu trabalho. Tudo ficaria bem.

Quando aconteceu, foi dolorosamente rápido. Calpernia voltou dos mercados carregando um saco de legumes e viu Erasthenes conversando com um homem curvado, mas poderoso. Mesmo em sua exaustão, Calpernia conhecia Nenealeus, o treinador, aquele que treinava os melhores lutadores da cidade – se eles sobrevivessem. Ela soube na hora por quem ele tinha vindo. Jogando os vegetais na cozinha, ela correu pela mansão, de cômodo em cômodo, seus olhos ficando mais frenéticos ao perceber que Marius já tinha ido embora.

Não houve despedidas. Moedas trocaram de mãos, um livro-razão foi assinado e pronto. Calpernia procurava o nome de Marius na lista toda vez que os escravos de Nenealeus a postavam no mercado, mas ela nunca o via. Quando rumores sobre seu destino cruzavam a mansão, ela não suportava ouvir. Ela se recusava a imaginar um capacete quebrado ou sangue na areia quente do campo de treinamento.

Ela já tinha visto outros escravos serem vendidos inesperadamente ou serem mortos antes, Calpernia disse a si mesma. A mesma história acontecia todos os dias em Minrathous. Mas em vez de apaziguá-la, o pensamento — de que tudo isso era lugar-comum — a apodrecia. Suas lágrimas, por mais numerosas que fossem, secaram.



Precisando de consolo, ela começou suas visitas secretas à biblioteca novamente, mas elas não lhe deram conforto. Uma noite, tentando pronunciar uma palavra que nunca tinha visto antes, seus pensamentos ficaram presos em sua mente até que a raiva em seu peito floresceu em uma bola sufocante. Enfurecida, ela fechou o livro com força.

Ele explodiu em chamas.

Seu grito, que acordou a casa toda, foi apenas uma parte do choque. O resto foi exultação.

O Magistrado Erasthenes a convocou na manhã seguinte e franziu a testa para ela, como uma coruja, por vários minutos. Calpernia ajoelhou-se na frente dele segurando o livro em ruínas. O deleite da noite passada — poder, poder finalmente — foi substituído pelo medo. Uma escrava com dons mágicos precisava de treinamento ou seu dono poderia encontrar uma abominação, espumando e gritando nos aposentos dos escravos algum dia. Mas como Erasthenes frequentemente murmurava quando estavam limpando seus quartos, ele não suportava distrações. Ele poderia simplesmente vendê-la. Ou usá-la como um experimento.

Calpernia olhou para ele, sabendo que, no que dizia respeito a Erasthenes, seu momento de mudança de vida era apenas mais uma coisa para mantê-lo longe de seus livros. Ela podia sentir, como nunca antes, que sua própria existência estava nas mãos de outra pessoa, e eles poderiam simplesmente jogá-la fora. Talvez Marius tivesse sentido o mesmo.

Eventualmente, Erasthenes suspirou e falou com Sorka, sobre a cabeça de Calpernia: “Acho que é melhor começar com o básico.”

Calpernia sorriu, com alívio, pela primeira vez em semanas.

Com Erasthenes, ela aprendeu a dominar seus poderes, testando avidamente os limites de sua força enquanto criava fogo na palma da mão. Curiosamente, com sua magia revelada, os outros escravos gostaram dela. Embora antes ela fosse apenas estranha, um medo que eles conseguiam nomear era aquele com o qual poderiam conviver. Calpernia voltou a dormir na ala dos escravos e dormiu bem. Quando ela falou com entusiasmo durante o jantar, alguns escravos aproximaram os bancos para ouvir.

Mas assim que teve certeza de que ela tinha sua magia sob controle, Erasthenes voltou ao escritório e fechou a porta. Calpernia ficou com uma vassoura na mão em vez de um cajado. Com o que Erasthenes se importava? Ele tinha sua paz e tranquilidade.



Faminta por algo mais, qualquer coisa, Calpernia voltou secretamente para os livros de Erasthenes sobre a antiga Tevinter e os Deuses Antigos, mas agora com um entendimento mais profundo. Sempre havia mais. Quando estava na cidade em missões, ela visitava o barqueiro e tagarelava seus aprendizados com ele: poemas épicos escritos para homenagear Urthemiel, o Dragão da Beleza, campanhas de imperadores mortos há muito tempo, o Canto Imperial da Luz.

Mas sua fome ainda não estava saciada. O fato de Erasthenes ser um homem temperamental piorava as coisas. Se ele a tivesse espancado ou humilhado violentamente, Calpernia teria onde direcionar o fogo dentro dela. Mas Erasthenes queria apenas perder tempo com suas relíquias ou estudar com Anodatus, alheio a qualquer outra coisa.

Quanto mais ela aprendia sobre a história de Tevinter, mais ela começava a ver a mesma indiferença em todos os lugares na moderna Minrathous. Pelo menos os escravos tinham bons motivos para se preocupar. O Magisterium ia atrás de intrigas mesquinhas, esquecendo que os muros de Minrathous ainda tinham rachaduras do último ataque Qunari; os grandes golens Juggernaut que Anodatus deveria restaurar estavam em silêncio; e entre os ladrilhos de seu Império, musgos cresceram. Mas o que isso importava, desde que o rival desta semana fosse humilhado? O maior império de Thedas, forjado por heróis antigos, e o Magisterium tomou isso como garantido. Eles não pagaram pelo que tinham.

Você são magos! Calpernia teve vontade de gritar quando Erasthenes convidava estudiosos visitantes ou seus colegas para beber chá perfumado, jogar xadrez ou fofocar. Os antigos construíram o maior império de Thedas com sabedoria e conquista! Agora, os únicos que devem se sacrificar por Tevinter são os escravos, enquanto você gasta todo o seu tempo com... bugigangas! O Canto estava certo. Quando você pode fazer o que quiser, por que você não faz nada?

“É esta?” Magister Anodatus perguntou a Erasthenes uma tarde. Quando Calpernia se inclinou para encher a xícara de chá, ele agarrou seu queixo. “Ela parece meio quebrada. Dificilmente se curva diante de seus superiores – e esses olhos insolentes. Você deveria mandá-la para o Círculo. Seus... atributos podem lhe dar pelo menos alguma influência.

Calpernia congelou – por “atributos” ela sabia que ele se referia ao sangue de um escravo capaz de usar magia. Anodatus puxou a cabeça dela de um lado para o outro, estudando-a. Por um segundo, ela se lembrou de Marius na biblioteca; mas mesmo a dor daquela lembrança não era nada comparado a humilhação. Escravos eram apal-



pados o tempo todo, mas agarrá-la na frente de seu mestre desse jeito era...

“Deixe a pobre garota em paz, Anodatus”, disse Erasthenes, acenando com a mão. “Calpernia, traga os doces.”

Anodatus soltou, sorrindo. Calpernia quis que seu rosto ficasse impassível e cravou as unhas nas palmas das mãos.

Sozinha em seu catre naquela noite, com o rosto bem esfregado onde Anodatus havia tocado, ela olhou para suas mãos cicatrizadas e ásperas. Ela tinha um vasto talento mágico, ela sabia, tão profundo quanto as catacumbas abaixo da cidade. Mas não era o suficiente. Em Tevinter, a verdadeira mudança exigiria poder político tanto quanto magia. Ela estava disposta a ganhar esse poder, a dar a pessoas como ela algum caminho melhor, se ao menos Erasthenes a aceitasse como aprendiz. Mas quando ela tentou formular as palavras, ele fez aquela carranca de coruja e voltou para seus livros. Ela era apenas sua escrava, afinal.

Calpérnia se desesperou. Ela sonhou em fugir dentro da cidade em sua próxima missão. Mas um escravo fugitivo com magia em Minrathous seria caçado em poucos dias. E seria a mesma coisa em qualquer lugar de Tevinter. Se ela nasceu para alcançar algo além de uma vida de trabalho penoso, isso foi roubado dela simplesmente por ter nascido pobre. Assim como todos os escravos que ela já conheceu.

Sua história poderia ter terminado aí. Ela poderia ter desistido completamente e se tornado outra escrava de olhos mortos com sua magia reduzida a nada. Mas o seu Professor veio e tudo mudou.

Ela passou aquele dia ajudando a carregar sacos pesados para os porões. Depois que ela caiu em um sono profundo de exaustão. Mas quando acordou no meio da noite, sentou-se com a cabeça lúcida, sentindo uma presença estranha na casa. Calpernia já havia sentido um grande poder antes, quando Erasthenes executou feitiços complexos como parte de sua pesquisa. Mas isso foi de outra magnitude completamente diferente. Foi uma sensação anuviada e trêmula que a arrancou da cama imediatamente: vá e veja, vá e veja.

Ela seguiu essa sensação pela casa escura como se estivesse seguindo uma lanterna. Ouvindo vozes no saguão, ela espiou pela porta. O luar caía em um feixe sobre a grande estátua do dragão. Erasthenes agachou-se desajeitadamente a seus pés, encarando uma figura magra envolta em um manto azul-escuro que se elevava sobre ele.

“...Assim como ouvi”, a figura estava dizendo em uma voz suave e gutural. “Mas



quaisquer relíquias de Dumat são minhas para reivindicar. Você discorda?”

Erasthenes fez um som sibilante. Calpernia engoliu em seco, e a figura olhou diretamente para ela. Sob o capuz, ela viu seus olhos: um da cor de âmbar escuro, e o outro impiedosamente pálido, cravado em um rosto horivelmente marcado. Mas Calpernia viveu em Minrathous a vida toda. Ela já tinha visto deformidades mágicas antes, algumas delas auto infligidas.

Calpernia saiu e ficou diante do visitante. Como se pudesse ver a si mesma através dos olhos dele, ela se sentiu como uma chama branca e clara, lançando sombras brilhantes de tudo por onde passava.

“Calpernia, você é convocada”, ele disse.

Ela olhou fixamente, imaginando como ele poderia saber seu nome. Eventualmente, o visitante assentiu. “No silêncio está o coração pulsante da sabedoria’. Você já sabe disso, eu acho.”

Calpernia piscou com aquela frase e então se curvou como nunca havia feito para magistrados visitantes. No canto do olho, ela podia ver Erasthenes olhando fixamente, sem voz.

“Vim por relíquias indevidamente possuídas”, continuou o visitante. “No entanto, encontro mais potencial do que imaginei ser possível neste tempo.”

Ele passou a mão perto do rosto dela. Calpernia estremeceu, mas ele não a tocou. Um cheiro estranho grudava em sua pele, como carniça seca há muito tempo e coberta de poeira e especiarias. “Poder imensurável. Um campeão, talvez. Sim. Você me seguiria, se eu pedisse?”

“Seguir você para onde?”, ela perguntou, fascinada.

“Para forjar um mundo melhor do que este.” O visitante olhou para a estátua do dragão quase piedosamente. “Este lugar já é um pouco sagrado para os deuses. Eu o reivindico, em nome deles. E este pobre curador”, ele acrescentou, olhando para Erasthenes agora. “Onde seria melhor para a reconstrução de Tevinter começar?”

“A... reconstrução? Do império?”

“Este não é um império”, disse o visitante. “Não comparado ao que era. Ainda não.”

Calpernia olhou para seu antigo mestre se encolhendo no chão. Seus olhos estavam arregalados de medo. Ela sentiu uma pontada de empatia, mas seu desprezo era mais forte que sua pena. Erasthenes tinha magia, riqueza, um lugar de privilégio — e Tevinter não estava melhor do que se ele nunca tivesse existido.



Ela se virou para a figura sombria e terrível diante dela e disse: “Eu irei com você.”

“Tenho santuários na cidade”, ele disse a ela mais tarde, quando ela começou a pensar nele como seu Professor. Ele já a havia ensinado feitos de magia que superavam em muito as pequenas lições de Erasthenes. Seu poder era imenso. Ela estava começando a entender como este homem havia intimidado Erasthenes — um magistrado que não possuía pouco poder — em sua própria mansão com apenas uma palavra, e ela ansiava por aprender mais. “Meus servos verão você adequadamente vestida antes de partirmos. Uma escrava você não é mais, mas sim minha tenente e pupila. Meus leais, os Venatori, reúnem-se em segredo aguardando nosso dia de glória. Prove a si mesma, e você poderá se levantar para liderá-los, como convém ao seu poder.”

Seu coração se encheu tanto que seus ouvidos doeram. Levou um momento para perceber o que mais ele havia dito. “Você disse ‘sair’?”

“Há muito o que fazer em outro lugar. Devo ir embora esta noite. Conclua os negócios que tenho na cidade e siga quando a ordem for enviada. Falaremos mais sobre seu papel então.”

“Eu tenho... eu tenho meus próprios negócios também.” Os outros escravos fugiram da mansão antes que ela pudesse falar com eles, e Marius se foi, mas o barqueiro permaneceu. Era algo sentimental, talvez, mas ela queria uma despedida adequada em sua vida. “Quero dizer adeus a um velho amigo.”

Calpernia esperava que seu Professor zombasse dela, e ela tinha uma réplica feioz preparada. Em vez disso, ele disse: “Não deixe arrependimentos.”

Ela não perguntou o que ele tinha feito com Erasthenes.

Os negócios de seu Professor foram conduzidos rapidamente. Ela visitou várias casas na cidade onde os leais Venatori moravam, e recebeu presentes para seu Professor em cada uma delas: cartas grossas com um selo estranho, runas, misteriosos mapas de aparência élfica e uma bolsa pesada, seus laços selados com chumbo. Ela os aceitou graciosamente.

Menos graciosos foram alguns daqueles que seu Professor descreveu como a liderança Venatori. Em suas casas, Calpernia empoleirou-se na beirada de uma cadeira, tomando chá ou mordiscando sementes de romã perfumadas — mais doces do que qualquer coisa que um escravo poderia imaginar — suportando farpas elaboradamente veladas que a lembravam do Magistrado Anodatus. Ela percebeu rapidamente que eles não a aceitariam como uma companheira Venatori, apesar



do favor de seu Professor e seu puro talento mágico. Eles precisariam ser tratados. Lembrando-se dos contos mais sangrentos que havia lido na biblioteca, Calpernia bebeu o chá, sorriu educadamente e gravou cada nome em sua memória.

Mas o resto — estudiosos, filósofos, caçadores em potencial — esses homens e mulheres, pilares do império, curvaram-se educadamente em sua presença e falaram com ela como iguais. Calpernia, mais ereta do que nunca em sua vida, respondeu tão formalmente quanto os heróis da lenda de Tevinter. Esses Venatori viam a causa e os riscos tão claramente quanto ela — eles eram o que Erasthenes deveria ter sido. Em seu Professor, eles viam um ser possuído não apenas de imenso poder, mas também de propósito divino; Calpernia já havia testemunhado sua sabedoria e cuidado por si mesma. Com os Deuses Antigos desaparecidos e o Criador em silêncio, seria necessária a força de um deus para remodelar este mundo. Calpernia sabia que esse tipo de força estava ao seu alcance.

Embora ela e os outros Venatori estivessem apenas à beira do renascimento de Tevinter e da apoteose final de seu Mestre, Calpernia sentia um grande significado em cada palavra trocada. Libertada, ela sentia um grande significado em tudo.



Agora, longe da Praça dos Três Imperadores com sua resina de olibanum, o dia era dela. Só a visão do Magistrado Anodatus, aquela velha cabra cheia de cicatrizes que teve a coragem de agarrar seu rosto durante o chá, arruinou tudo.

Calpernia virou pelas longas avenidas de Minrathous, ouvindo o grito dos pássaros marinhos e o som dos martelos dos mercadores anões. Seu pacote de resina de olibanum estava guardado com segurança no seu cinto. Sua delicada fragrância se misturava aos demais aromas da cidade: fumaça, sal do oceano, pão assado, sujeira de um esgoto próximo e serragem dos estaleiros.

Enquanto Calpernia atravessava para o lado oeste da cidade, um novo cheiro chegou até ela pela brisa: flores e folhagens. Ela virou uma esquina e viu o gigantesco Campo de Provações no coração da cidade, onde guerreiros lutavam por honra e glória. O edifício tinha o formato da proa de um navio, uma construção anã com pedras escura com jardins exuberantes em terraços descendo em cascata pelas laterais. Como sempre, multidões se acotovelavam nas entradas para ouvir o rugido da vitória. Pássaros brancos voavam em círculos no alto.

A visão disso tocou o coração de Calpernia. Então sua cabeça se virou; ela viu um lampejo cinza-prateado no canto do olho entre a multidão. Era da mesma cor das



vestes do Magister Anodatus. Mas ele não estava em lugar nenhum.

Ela ficou ali, todos os sentidos alertas. Talvez ela tivesse imaginado?

Calpernia não era dada a imaginar coisas. Ela acelerou o passo. Melhor terminar sua tarefa antes que fosse interrompida.

A oeste do Campo de Provações, ela chegou a um pátio onde, cercado por caminhos de cascalho e loureiros bem cuidados, havia uma estátua de um barqueiro. Um gato de pedra estava agachado a seus pés e um corvo de pedra empoleirado em seu ombro. Sob o capuz, o rosto nobre e sereno do barqueiro contemplava a cidade enquanto ele se apoiava no mastro.

“Avanna, velho amigo”, disse ela.

Havia muitas estátuas do Arconte Darinius – fundador do Império, mestre, profeta e Rei Supremo – mas esta era especial para ela. No dia daquele duelo de magos em que a perdedora virou cinzas, cheia do que viu e não conseguiu entender, aquela criança loira tropeçou aqui e encontrou a estátua. Ela era muito jovem para saber a história completa do homem – Calpernia lembrou-se primeiro de ter sido atraída pelo gato de pedra – mas sentiu a presença do poder de Darinius e se tranquilizou. Ela voltava com frequência, contando seus medos e sonhos aos ouvidos de pedra dele.

Agora, finalmente, Calpernia tinha algo mais valioso para lhe dar.

Ela derramou seu incenso em uma tigela aos pés da estátua. Com um praticado estalar de dedos, ela acendeu o tijolo de carvão com uma faísca mágica. Uma fumaça perfumada subiu.

Calpernia envolveu suas mangas em volta do corpo. A fumaça passou pela estátua como ondas, como se ele estivesse realmente puxando um barco. Darinius, o Barqueiro, era outro de seus apelidos, após uma visão que ele teve em um momento decisivo de sua vida. Os arcontes hoje usavam o Anel do Barqueiro mostrando Darinius nesta orma, como um símbolo de seu cargo.

Eles não fizeram nada para merecê-lo.

“Você veio do nada”, ela disse à estátua. “Sua mãe, da realeza, teve que escondê-lo de seus inimigos; você foi criado como um órfão ignorante de sua herança. Mas sua magia não podia ser negada, nem sua grandeza. Com o tempo, você fundou um império. Você mudou o mundo.”

Ela sorriu. “E você honrou sua mãe adotiva por toda a sua vida. Uma sacerdo-



tisa de Dumat que o encontrou à deriva em uma cesta na praia e o criou como seu próprio filho. Calpúrnia, eles a chamavam. Eu posso ler seu nome agora. Eu o honrarei em troca.”

“Você presume fazer tal comparação?”

O Magister Anodatus estava parado na entrada do pátio. Sem seu sorriso habitual, sua expressão era tão sombria quanto a cicatriz curva em sua bochecha. Dois escravos corpulentos estavam de cada lado, usando capacetes que cobriam seus rostos como portas levadiças.

“Eu fiquei pensando, ‘Esse é um rosto que eu conheço’,” Anodatus disse, caminhando em sua direção. “Sim. A escrava de Erasthenes, vestida como uma boneca de papel com um cajado que ela não tem o direito de carregar, comprando incenso precioso com moedas que nenhum escravo deveria ter.”

Suas botas rangeram no cascalho. “Seu mestre não responde mais as mensagens enviadas à sua porta e sua casa está fechada. Por quê?”

“Talvez ele tenha me tornado sua aprendiz”, disse Calpernia, mantendo a voz firme. “Quanto a se recusar a responder, você sabe como ele gosta de se isolar para trabalhar.”

“Ou”, disse Anodatus, “você acabou com ele durante seu sono, com os pequenos truques que ele lhe ensinou, e agora procura imitar seus superiores.” Luz brilhou do cajado de grãos dourados que ele carregava. “Erasthenes era um amigo muito valioso. Seu conhecimento dos Deuses Antigos e de sua magia era insubstituível. Para ele morrer nas mãos de um escravo. É um insulto.”

A presença dele a empurrou e Calpernia recuou um passo, agarrando-se ao seu próprio bastão. Um magistrado em sua força total era um inimigo formidável. Anodatus poderia ferver seus ossos como água, se quisesse.

“Eu não o matei”, disse ela. “Se eu quisesse, eu poderia tê-lo desafiado.”

O olhar de Anodatus escureceu ainda mais. “Você, o desafiar? Um incaensor, desafiando um magistrado do Império?”

O medo de Calpernia se evaporou quando essa palavra atingiu seu alvo. Incaensor significava uma substância perigosa, como lírio bruto ou sais de natrão. Era uma gíria para um escravo que usava magia — algo perigoso, mas útil se controlado. Se estivesse quebrado...

Anodatus arrastou seu cajado no ar em sua direção. Em sua fúria, Calpernia mal



viu a bola branca de poder que ele atirou nela enquanto levantava uma mão. Ela sentiu seu ataque, e o mundo ao redor, e concentrou sua vontade contra ele. A bola de poder congelou no ar, brilhando como uma estrela — e foi fácil.

Calpernia olhou além dela para Anodatus, que estava rígido de choque. Na luz fria e clara do feitiço, ela podia ver as rugas profundas perto dos olhos dele, o leve tremor em suas mãos e as cicatrizes finas nos escravos que estavam recuando. O sangue deles deve ter sido drenado para alimentar sua magia, ela percebeu. Ele zombou do poder de Calpernia, mas precisava da vida de um escravo para aumentar o seu.

Com um grito, Anodatus começou a conjurar novamente, mas Calpernia atacou primeiro com toda a sua ira e um movimento firme e intrincado de seu cajado. A bola de luz capturada acendeu em uma chama dourada brilhante e atingiu as mãos erguidas de Anodatus. Houve um clarão ofuscante como um relâmpago atingindo a si mesmo e um cheiro desagradável.

Quando Calpernia pôde enxergar novamente, Anodatus estava caído no cascalho. Suas mãos haviam sumido. Em seu lugar havia tocos disformes queimados até os pulsos.

De pé com a estátua de Darinius às suas costas, Calpernia olhou para o magistrado que agora chorava a seus pés. “Você não tem ideia do que eu sou”, disse ela. “Você nunca desceu o olhar por tempo suficiente para ver o que estava esperando abaixo de você. Mas quando os Venatori ascenderem, quando um novo deus transformar a corrupção do Império em pó, os escravos de Tevinter caminharão livres na luz. E vou ver isso sendo feito!

Ela passou por ele, agitando as cinzas que antes eram suas mãos.

Enquanto ela caminhava pela entrada do pátio, os escravos com capacetes se afastaram dela. Apesar do brilho da vitória, o passo de Calpernia vacilou. Onde ela sentia apenas desprezo por Anodatus, havia uma simpatia ilimitada por esses dois. Aqueles capacetes escondiam rostos de pessoas com uma vida interior — e talvez ambições secretas — tão ricas quanto as dela. Anodatus provou não ser nada, mas esses escravos nunca tiveram a chance de provar que eram alguma coisa.

“Quais são seus nomes?”, ela perguntou.

Os escravos se entreolharam e não responderam. Mas eles se endireitaram.

“Eu falei sério sobre o que disse”, Calpernia disse a eles. “Este é apenas o começo do futuro. Se vocês quiserem vê-lo — o modelarem — venham comigo.”



Ela foi embora. Os escravos olharam para Anodatus chorando, para as cinzas soprando no vento adocicado de incenso, e então a seguiram.

Conto originalmente disponível em: <https://blog.bioware.com/2015/06/02/8316/>





A CONVERSA FINAL

Por David Gaider

Nota: Este conto foi originalmente publicado em julho de 2018 por David Gaider em seu blog no Medium e não faz parte do universo canônico de Dragon Age. Se trata apenas de uma revisitação ao personagem depois que Gaider foi desligado da Bioware. O link de acesso estará disponível no final do texto.

Três horas se passaram desde o funeral.

Um funeral em Tevinter era algo curioso, principalmente se o falecido fosse um magistrado. Neste caso, o corpo do Magistrado Halward Pavus foi colocado sobre um grande estrado de pedra no meio de um enorme mausoléu subterrâneo, suas paredes de pedra gravadas com séculos de fumaça e luto. As sombras pendiam pesadamente, mal mantidas sob controle pela luz bruxuleante dos muitos braseiros que se alinhavam no salão, um em cada coluna alta.

O próprio magister estava morto há várias semanas, não que alguém pudesse facilmente perceber isso. Ele poderia estar simplesmente descansando, braços cruzados sobre o peito, a cor ainda visível em suas bochechas. Apenas um brilho ocasional de magia em sua forma dava alguma pista de como ele havia sido preservado. Antes de ser transportado para o mausoléu esta noite, ele seria velado na propriedade Pavus. Era tradição, com familiares próximos vindo visitá-lo todos os dias, sentando-se ao lado de sua cama e segurando sua mão, conversando com ele como se ele ainda pudesse ouvi-los.

Na maioria das vezes, Dorian imaginou, era para que o resto da família pudesse verificar se o falecido estava, de fato, morto como prometido. Não havia ilusões, nenhuma tentativa de transformar o corpo de algum escravo azarado em um simulacro. Talvez, em um passado distante, fosse comum que magistrados fingissem suas mortes. Uma fuga de suas dívidas, ou uma maneira conveniente de terminar uma batalha perdida com seus oponentes. Eles podiam adentrar na noite sem serem vistos até retornarem quando chegasse a hora certa. Seja qual for o motivo, era comum agora que todos os parentes distantes aparecessem do nada, mesmo aqueles que você mal sabia que existiam, cada um exigindo o direito de verificar com seus próprios olhos que não estavam sendo enganados.

A propriedade Pavus teria sido um hospício de visitantes constantes. De alguma forma, Lady Aquinea Pavus suportou tudo e, durante o funeral, cumpriu o seu dever de acordo com mais uma das tradições macabras de Tevinter: montar guarda no estrado do seu falecido marido. Durante horas ela esteve lá, rígida e silenciosa como uma gárgula, com os olhos fixos nos convidados dispersos que circulavam



por ali, com taças de vinho nas mãos, lidando com isso como qualquer outra reunião da elite. Eles conversavam, faziam política e ocasionalmente riam ruidosamente de uma piada. Mais de um primo da família circulava, os olhos brilhando de ansiosa expectativa enquanto tentavam convencer os poderes presentes de que deveriam assumir o assento magistral de Halward Pavus se o herdeiro escolhido não se fizesse presente.

De vez em quando, um dos convidados se separava do rebanho e caminhava até a mãe de Dorian, expressando condolências e arrependimentos vazios. Ela mal se importou com a presença deles, assentindo se necessário, mas mantendo a vigília com a dignidade que sua nobre casa exigia. Alguns podem ter interpretado sua compostura fria por insensibilidade, ou presumido que ela estava tão fortemente envolvida em sua dor que simplesmente não havia como alcançá-la.

Dorian sabia melhor: isso era raiva.

Sua mãe olhou para aqueles homens e mulheres, brilhando em suas vestes e joias com fios de ouro, sabendo que um deles era o responsável pela morte de seu marido e ainda assim completamente incapaz de fazer algo a respeito. Ela fervia de raiva por sua impotência, e também pelo fato de que ficar de guarda sobre Lorde Halward era um dever que deveria ter sido de seu herdeiro — seu filho. No entanto, Dorian não tinha aparecido.

Então ela esperou. Ela esperou enquanto cada convidado lentamente se despedia para escapar das sombras opressivas. Ela esperou até que o mausoléu se esvaziasse, os últimos retardatários elogiando desajeitadamente sua dedicação. Quando todos se foram, ela ainda esperou. Ela não piscou quando os servos elfos vieram apagar a maioria dos braseiros, evitando-a intencionalmente, e não vacilou quando eles finalmente fugiram de sua presença. Lady Pavus esperou no escuro por seu filho por três horas, sua fúria silenciosa envolvida em seu redor como uma armadura, até que finalmente ela recolheu suas saias e saiu da câmara. O barulho de seus saltos na pedra dura ecoando com uma finalidade sombria.

E assim Dorian foi deixado sozinho com seu pai.

Ele observou os procedimentos na escura galeria superior. Ele não se preocupou em se disfarçar com magia — nesta companhia em particular, isso seria equivalente a gritar sua presença dos telhados, uma opção que o tentou muito, mesmo assim. Os toques coletivos no peito e sussurros escandalizados quase valeria a pena, se não significasse também que ele precisaria enfrentar sua mãe.

O que ele deveria ter feito, ele admitiu livremente. A covardia de Dorian era ver-



gonhosa, mas ele ainda não estava pronto para olhar naqueles olhos escuros, para suportar a culpa que encontraria ali. A culpa da mãe era fria e sufocante, nunca dita, mas sempre presente entre eles, e hoje só teria aumentado a longa e invisível contagem que ela vinha mantendo por muitos anos. Ele enfrentou dragões, mas não conseguia enfrentar isso. Ainda não.

O pai vinha primeiro.

Esta era uma tradição de Tevinter que Dorian não iria deixar passar: o *commutatus ultima*, ou a “conversa final”. Era um ritual necromântico, projetado para permitir que um magistrado tivesse uma última conversa com seu sucessor... uma maneira, se preferir, de garantir que o silêncio do túmulo não fosse estritamente eterno. Assassinos podiam ser nomeados, segredos de família passados adiante, o herdeiro receberia quaisquer instruções que o magister não tivesse escrito antes de morrer. Tecnicamente, também era proibido, mas, como muitas coisas em Tevinter, era praticado desde que ninguém discutisse.

“Olá, pai.”

Suas palavras pareciam grandes demais no alto mausoléu, mas nada se moveu em resposta. Certamente não a figura fria no estrado diante dele. O glamour que o estava preservando já estava começando a decair, e a carne no rosto do corpo estava assumindo uma aparência de cera. Logo as sacerdotisas chegariam, carregando silenciosamente o Pai para os túneis inferiores, onde ele seria magicamente incinerado e suas cinzas colocadas em uma urna excessivamente luxuosa. Elas o colocariam em uma prateleira empoeirada ao lado das urnas de todos os outros magistrados Pavus que vieram antes dele, uma fila silenciosa deixada se afogando na escuridão e no seu orgulho coletivo.

O ritual em si era simples. Dorian se especializou em necromancia não, como muitos presumiram, porque era considerada vagamente desagradável pela maioria dentro do Círculo dos Magos, mas porque era a mais difícil. Domínio sobre espíritos e as próprias coisas da vida. Os olhares que ele recebeu ao anunciar sua escolha foram um bônus adicional. Agora ele se lembrava dessas lições enquanto desenhava os sigilos na poeira na base do estrado, recitando os antigos encantamentos. A energia vibrava ao longo de sua pele, adicionando uma corrente elétrica ao ar parado do mausoléu que exigia apenas mais um ingrediente para seu pleno funcionamento: sangue. Sempre foi sangue, aqui em Tevinter. Sangue para dar vida, para dar energia, para dar uma conexão com os ancestrais. Supondo que o pai tivesse tomado as medidas necessárias antes de morrer...



...e é claro que ele tinha. Dorian fez um simples corte na mão, e as energias ao redor do corpo de Halward Pavus instantaneamente se fundiram em uma névoa avermelhada. Se formou em uma figura que flutuava acima do cadáver, quase como um fantasma, e mesmo na penumbra Dorian conseguia dizer quem era.

“Meu filho.” As palavras não foram ditas, mas se estabeleceram na mente de Dorian, um sussurro de murmúrios pouco mais audível do que seus próprios pensamentos. Ele precisava treinar sua mente para ficar em silêncio total para ouvi-las, ignorando os arrepios que subiam e desciam por seus braços. A ironia de que essa reunião fosse permitida pelo uso de magia de sangue não passou despercebida para ele, mas ele não deu atenção para isso agora.

“Você veio. Eu sabia que viria.”

“Sabia, agora? Eu mesmo não tinha tanta certeza.”

“Mas você está aqui agora.” A figura formada por névoa avermelhada se moveu ligeiramente, suas feições faciais formando algo que parecia um sorriso triste. Mais horripilante do que reconfortante, na verdade. Um eco de uma vida que partiu, chamada de volta a este plano por um curto período de tempo. Realmente valeu a pena?

“Eu estou. Eu invoquei o commutatus, pai.”

A figura ficou em silêncio por um momento. Talvez estivesse olhando para Dorian agora, avaliando-o. Era difícil dizer. Quando deu um passo do estrado em direção a Dorian, ele recuou um passo. Não com medo, mas apenas como uma mensagem: fique onde está e não se aproxime.

“Você mudou muito.”

“E você está muito mais morto do que eu me lembrava.”

Há muito para discutirmos. Se você vai assumir o lugar de Pavus, precisará saber quem são nossos inimigos. Um deles é responsável pelo feitiço que me matou, e caberá a você vingar minha morte.

“Vingar sua morte, é?” Dorian sorriu, apesar de si mesmo.

Você não deseja isso?

“Você, honestamente, não acha que é para isso que estou aqui.”

“Você tem um dever, se não comigo, então com sua mãe, com seu nome. Nossa família tem uma longa história, Dorian. Se você vai assumir as vestes magistras, há muito que devo lhe contar e pouco tempo para —”



Dorian levantou a mão, respirando fundo. “Eu não vim aqui para ser preparado. Não sei por que você deixou seu manto para mim, pai, ou por que você acha que eu iria querer. Tenho quase certeza de que deixei bem claro que não queria ter nada a ver com essa vidinha triste.”

Se a figura fantasmagórica pudesse arquear as sobrancelhas, ela o faria. Era uma expressão que o pai usava muitas vezes sempre que estavam prestes a discutir, e Dorian a sentia agora, mesmo que não pudesse ver. “É isso que você veio me dizer? Tudo isso, ele acenou com os braços para os sigilos que ainda brilhavam em vermelho vivo do feitiço de Dorian, para declarar sua rebeldia mais uma vez?”

“Temos uma conversa inacabada, você e eu.”

Ele pretendia dizer mais, e não queria que as palavras saíssem tão tingidas de amargura, mas agora elas já foram ditas. A figura fantasmagórica recuou para o estrado e sentou-se na borda pedregosa, como se estivesse cansado de ficar de pé. “Estou morto, Dorian, disse seu pai com um suspiro pesado. Isso não é o suficiente para você, para nós dois?”

“É um começo”, Dorian retrucou. “Por que você não mencionou, quando conversamos, que ainda queria que eu fosse seu herdeiro? Todas as ameaças, todas as condenações, e depois de tudo isso você quer que eu continue como se nada tivesse acontecido? Você amoleceu na velhice, pai? O arrependimento finalmente o alcançou, a percepção de que você não tinha filhos para carregar a tocha dos Pavus?”

“Eu... me arrependo de muitas coisas.”

“Foi o que você disse da última vez.” Dorian girou nos calcanhares, pronto para fazer a saída dramática que o momento pedia, para deixar essa figura fantasmagórica chafurdando em sua tristeza até que ela desaparecesse no nada..., mas ele simplesmente não conseguia se forçar a fazer isso. A percepção de que ainda haviam palavras a serem ditas pesava muito em seus ombros. Então ele se virou novamente, embora o esforço lhe custasse muito. “Diga-me por quê”, ele disse lentamente. “Diga-me por que você ainda quer que eu faça isso.”

“Você é meu filho.”

“Não foi isso que você disse, antes de eu deixar Tevinter. Eu fui para Minrathous depois que descobri seu pequeno plano para mim. Bebi até quase o esquecimento, fiz bastante coisas das quais não tenho muito orgulho, mas eu estava um pouco mal, certo? No entanto, de alguma forma, quase me convenci de que deve ter havido algum engano. Você não poderia ter feito isso comigo, não isso, não algo tão



incrivelmente vil e além dos limites de tudo o que você me ensinou. Então fui para casa, esperando encontrar algum vestígio do homem que eu admirava.”

“Dorian, não há necessidade —”

“Você foi informado sobre minha chegada, é claro. Provavelmente informado sobre cada coisinha sórdida que eu tinha feito na capital. Você estava ali nos portões como um cão de guarda, esperando por mim. E as primeiras palavras que saíram da sua boca não foram para me dar as boas-vindas de volta. Não foram para dizer que você estava preocupado comigo, sobre o que você quase fez comigo. Não foram um pedido de desculpas. Você se lembra do que foram, pai?”

A figura fantasmagórica abaixou a cabeça. “Você foi longe demais”, ele finalmente disse.

“Eu fui longe demais! Não você, mas eu. A linha havia sido traçada, e eu estava do outro lado dela. Eu não deveria pisar em sua casa, sua casa, a menos que eu desistisse dos meus hábitos egoístas e parasse de trazer escândalo para a família. Respondi com algo como, “mas é minha família também, pai, e poderia ter um pouco mais de escândalos!” Um tanto atrevido, admito, mas foi em cima da hora. Você se lembra do que veio depois?”

Seu pai não disse nada, apenas o encarou com olhos avermelhados fantasmagóricos.

“Está tudo bem, vou terminar para você: ‘Esta não é sua família’, você disse, ‘e você não é meu filho’.”

A câmara do mausoléu estava silenciosa, o único som era o leve crepitar dos dois braseiros restantes que ladeavam o estrado. Dorian esperou por uma resposta, por algo, mas — como sempre — a única resposta de seu pai ao ser desafiado era um silêncio de pedra. Isso o enfureceu de uma forma que poucas coisas faziam.

“Lá estava eu pensando, ‘Acho que finalmente está feito, finalmente admitido e exposto!’ Eu não era o filho que você queria. Eu era incorreto. Eu era uma decepção viva que você preferia expulsar do seu lado, preferindo me mudar em vez do que admitir que eu poderia ser diferente de você!” As palavras saíram apressadas, Dorian sentindo o calor subindo em seu rosto. Ele odiava como seu pai sempre conseguia provocá-lo dessa forma, quase sem esforço, agora mesmo do além-túmulo. “Eu respeitava essa posição, pelo menos. Mas então você veio me encontrar na Inquisição, não porque eu tinha encontrado uma maneira de causar vergonha à família, mesmo de fora do império, não, mas porque você queria conversar.”

Ele cruzou os braços. “Então fale. Diga-me por que devo tomar seu lugar, pai. Se



a resposta for ‘porque você é meu filho’, posso te dizer que isso simplesmente não será o suficiente.”

“Por que sempre tem que ser assim, Dorian?”

“Ah, eu não sei. Teimosia, eu suponho.”

A figura fantasmagórica se levantou do estrado. Ele olhou para Dorian por um longo momento, sua expressão ilegível, e então se virou para olhar para o corpo de Halward Pavus. Ele estendeu a mão, mas a névoa brilhante passou pela carne... e, com isso, ele vacilou. De costas para Dorian, ele finalmente abaixou a cabeça em derrota. “Eu quero que você se torne o magistrado depois de mim”, ele disse lentamente, “porque você será muito melhor nisso do que eu jamais fui.”

As sobrancelhas de Dorian se ergueram. “Eu acho que ouvi errado.”

“Eu me arrependo de muitas coisas, Dorian. O que mais lamento é que demorei muito para reconhecer um filho que... possuía mais coragem que seu pai.”

A figura fantasmagórica se virou mais uma vez. Ele se aproximou, e dessa vez Dorian não recuou. Ele podia ver os tênues traços do rosto de seu pai mais claramente a essa distância, envolto na névoa.

“Todas as coisas que eu poderia ter feito, as vidas que eu poderia ter vivido, e ainda assim não fiz nada disso porque vi o meu dever como uma gaiola. Em vez de ficar feliz em ver você escapar dela, eu te odiei por isso. Meu próprio filho. Como você ousa abrir a gaiola e sair, quando eu nem pensei em checar se ela estava trancada?”

Dorian ficou abalado e não disse nada a princípio. “Essa é... uma bela metáfora para usar neste momento, pai. Estou bastante impressionado.” Ele conseguiu dar uma risada, mas foi inexpressiva.

“Você terá tempo, quando envelhecer, para pensar nessas coisas. Para perceber que você não é nem tão poderoso nem tão sábio quanto acreditava. Para perceber que seu filho alcançará coisas maiores do que você jamais imaginou ser possível, não por tudo o que você deu e ensinou a ele...”

Seu pai estendeu a mão, e embora Dorian não tenha recuado, a mão parou de repente e então lentamente caiu para trás.

“...mas além disso.”

Eles não disseram nada então. Dorian pensou que a figura fantasmagórica de seu pai poderia continuar, mas não o fez. Dorian então pensou em várias coisas que deveria dizer, algumas frias e outras inteligentes, mas todas pareciam insu-



ficientes. Finalmente ele deu de ombros, piscando para afastar as lágrimas que se recusava a deixar cair. “Você... nem sempre foi tão terrível, pai.”

“Eu fiz o que pensei ser melhor. Pensei em mudar você, poupá-lo da dor que vi diante de você, mas em vez disso, tornei a dor muito pior. Eu deveria ter tido sua coragem, Dorian.”

“Você estava protegendo a família. Eu... eu entendi isso. Eu odiava entender isso.”

“Você é minha família.”

A figura fantasmagórica caminhou de volta para o estrado novamente. Os sigilos estavam escurecendo, e Dorian já podia ver as névoas avermelhadas começando a se dissipar. Já tinha acabado? O pânico que surgiu em seu coração era tão agudo quanto inesperado.

“Faça melhor do que eu fiz, Dorian. Viva uma vida de menos arrependimentos e perdoe seu pai idiota, se puder.”

Seu pai olhou para ele, o sorriso mais leve em seus lábios.

“Seja o magistrado que eu deveria ter sido, e que todos os outros aprenderão a temer.”

E com isso, o feitiço terminou.

Dorian foi deixado sozinho no mausoléu com seus pensamentos e o cadáver de seu pai, ainda deitado no estrado, sem ser perturbado. Ocorreu-lhe de se perguntar se a aparição tinha sido real. Poderia ter sido um espírito, vindo para lhe dar as palavras que acreditava que ele queria ouvir? Talvez isso seja tudo o que o ritual sempre forneceu? Ou havia alguma parte de Dorian que pensava que isso poderia ser melhor, poderia ser mais real, do que essas palavras de despedida de um homem que ele aprendeu a odiar tanto quanto o amava?

Não havia respostas por vir.

Com uma bota, ele raspou os sigilos agora frios da pedra. Ele estava prestes a sair, mas pensou melhor. Em vez disso, Dorian enfiou a mão na bolsa do cinto e tirou um frasco de prata. Abrindo-o, ele o levantou em direção ao estrado.

“Para as coisas que poderiam ter sido”, ele disse, suas palavras quase sufocadas por uma nuvem de emoções que ele pensou ter deixado para trás há muito tempo, “e para menos arrependimentos”.

Dedicado a elidoo



Conto originalmente disponível em: <https://medium.com/@davidgaidner/the-final-conversation-d6258fa6cbbd>



